

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Kátia Teresinha Centeno Prudêncio

“QUEM TRAZ NA PELE ESSA MARCA...”

Trajetórias escolares de professores(as) negros(as)

Porto Alegre
2. Semestre
2012

Kátia Teresinha Centeno Prudêncio

“QUEM TRAZ NA PELE ESSA MARCA...”

Trajetórias escolares de professores(as) negros(as)

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia-Licenciatura da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: *Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi.*

Porto Alegre
2. Semestre
2012

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente, a minha mãe Marisa, a minha irmã mais velha Michele ao meu irmão caçula Vinicius, minha irmã Sheila, minha tia Mara Tatiana, pois confiaram em mim e me apoiaram durante esta minha caminhada.

Ao meu namorado Rodrigo, que em muitos finais de semana me proporcionou momentos de alegrias, dedicando a mim toda sua atenção, paciência, compreensão, carinho e amor, fazendo eu até esquecer as minhas ansiedades e angústias.

Dedico também a minha orientadora do TCC Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, por ter me acompanhado passo a passo na construção deste trabalho, por ter confiado nas minhas capacidades, por toda sua dedicação, pelo estímulo e por toda sua contribuição nessa trajetória.

Às minhas colegas da faculdade Karine da Cruz Alves e Tanise Viero pelas trocas de experiências, pelas alegrias e incertezas, por todos esses momentos vividos e partilhados juntas, pois sempre estiveram ao meu lado me apoiando e me ajudando.

Do fundo do meu coração a toda sociedade negra, aos que tiveram a oportunidade de ingressar na universidade e aos que ainda ingressarão. Aos que aprenderam a conviver com as diferenças que ainda estão em processo de aceitação de sua própria identidade.

Aos meus avós e outros antepassados, por terem superado as dificuldades encontradas no seu caminho, e pela contribuição histórica que me deixaram.

A todos os professores negros que contribuíram para a construção deste trabalho, aos amigos de infância, e aos que eu conheci nesta caminhada.

Obrigada!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, por ter me dado todo o suporte necessário para que eu pudesse iniciar e concluir este trabalho que é tão importante para a minha formação como docente. Agradeço principalmente por ter tido tempo e paciência...

Agradeço também as Professoras Dr. Elizabete Maria Grabin e a sua estagiária Dda. Daniela Medeiros de Azevedo por apoiar-me desde o início da escrita do meu TCC e aos professores que me ajudaram sendo “meus sujeitos de pesquisa e estudos” sobre as Trajetórias Escolares de Professores Negros e, em especial, a Profa. Dra. Gládis Kaercher por ter se disposto a me ajudar na continuação do meu trabalho.

Às minhas queridas colegas quero agradecer os grandes momentos de alegria e também os de certezas e incertezas que compartilhamos. Agradeço aos meus familiares, meu namorado e aos seus familiares e amigos que me apoiaram neste período. Por fim, e não por último todos aqueles que estiveram perto de mim e sempre me ajudaram direta ou indiretamente.

Obrigada!

Encontrei minhas origens

*Encontrei minhas origens
Em velhos arquivos
Livros*

*Encontrei
Em malditos objetos
Troncos e grilhetas*

*Encontrei minhas origens
No leste
No mar em imundos tumbeiros*

*Encontrei
Em doces palavras
Cantos
Em furiosos tambores
Ritos*

*Encontrei minhas origens
Na cor de minha pele
Nos lanhos de minha alma
Em mim
Em minha gente escura
Em meus heróis altivos*

*Encontrei
Encontrei-as enfim
Me encontrei*

Oliveira Silveira (Poeta da Consciência Negra)

Resumo

O presente trabalho se atém às trajetórias escolares de cinco professores negros que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior, destacando nessas histórias as marcas identitárias étnico raciais e os caminhos que os levaram à docência. A investigação articula algumas questões da vida escolar dos professores, principalmente diante de possíveis discriminações, bem como da presença/ausência de colegas e professores negros nas diferentes etapas de escolarização e no exercício da docência. O caminho metodológico partiu de entrevistas dialogadas, com questões relevantes às trajetórias escolares de cada um dos entrevistados, cujos depoimentos foram registrados, transcritos e, posteriormente analisados. O embasamento teórico que favoreceu a reflexão, contou com autores que trabalham com relações étnico raciais, diversidade e educação, como MUNANGA (2003; 2004; 2005; 2006; 2008), HICKMANN (2002), GOMES (1993/94; 2003; 2009; 2011), LEAL PARÉ (2007), entre outros. No estudo realizado, destaca-se a importância da família na construção da identidade, como um instrumento relevante para a valorização e a autoestima da criança negra. Foi recorrente nas falas dos entrevistados a pouca representatividade e, em alguns casos, a ausência de professores e colegas negros, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior. No que se refere às questões de trabalho, o estudo mostra que o critério racial ainda prevalece no momento da contratação. Aparece também, de forma relevante nas trajetórias escolares analisadas, a necessidade de ser um aluno e um profissional exemplar, para manter a autoestima e o reconhecimento. A princípio, constata-se que o racismo ainda é ingrediente forte nas relações interpessoais, aparecendo em todas as trajetórias consideradas nessa pesquisa. O estudo realizado mostra que a sociedade ainda está marcada por uma cultura racista e que a educação antirracista pode contribuir para mudar esta realidade. Neste sentido, é importante que a escola valorize a história e a cultura da população negra e não aceite racismos e discriminações, apoiando ações pedagógicas que afirmem a diversidade e promovam um relacionamento étnico racial positivo.

Palavras-chave: Identidades étnico-raciais de docentes; Trajetórias escolares de professores negros. Histórias de vida; Discriminação étnico-racial.

Sumário

APRESENTANDO O TEXTO AOS LEITORES	8
1 MEMÓRIAS DA MINHA NEGRITUDE NA TRAJETÓRIA ESCOLAR	10
1.1 Minhas primeiras motivações e ingresso à escola	10
1.2 Praticar esporte e a escola.....	12
1.3 O Ensino Médio.....	12
1.4 Ingresso na Universidade.....	13
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	15
2.1 A descrição das entrevistas com cada professor	18
3 ESTUDOS DA CULTURA NEGRA.....	23
3.1 Marcas da negritude: quem sofreu discriminação?	23
3.2 Como podemos definir o negro?	26
4 ANALISANDO AS ENTREVISTAS.....	27
4.1 Preconceitos e discriminações	27
4.2 Ausência de professores negros nos diferentes níveis de escolarização.....	30
4.3 Distribuição de professores e alunos negros em diferentes etapas do Ensino .	32
4.4 Discriminação no emprego/ baixa remuneração	36
4.5 Como assumem a consciência Negra?	39
4.6 O papel da família e da escola na construção da identidade da criança negra.	41
4.7 O conhecimento de nossas origens	44
5 PARA CONCLUIR: SENSIBILIZANDO O OLHAR PARA A NEGRITUDE	50
APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTAS	55
Anexo: Modelo de TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	57

APRESENTANDO O TEXTO AOS LEITORES

Ao encontrar um ex-professor negro que tive no Ensino Médio, parei para pensar em quantos professores negros tive na minha trajetória escolar do Ensino Básico. Ao refletir sobre esta memória me deparei com a realidade de ter tido apenas dois professores negros e, ambos no Ensino Médio.

Quando ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul a realidade não foi diferente. Na época, fiquei sabendo que na Faculdade de Educação havia apenas uma professora negra e, de fato, não tive a oportunidade de ter aula com ela.

No domingo do dia 16/09/2012, fiz um concurso público no Município de Estância Velha, para ser professora do Ensino Fundamental, e ao chegar ao local da prova, um acontecimento me chocou: eu era a única candidata negra que havia naquele local de concurso. Quando entrei na sala da prova, pensei que encontraria pelo menos mais um/a professor/a negro/a, mas infelizmente isso não aconteceu.

Este fato me deixou perplexa, e me fiz a seguinte pergunta: como pode um concurso Público destinado para professores do Ensino Fundamental, não haver professores/as negros/as? Qual será o motivo que os levaram a não se inscrever para esse concurso?

Este fato contribui para me perguntar:

Por que tem poucos professores/as negros/as atuando em escolas públicas e privadas, na Educação Infantil, no Ensino fundamental, Médio e Superior?

Essa situação vem ao encontro do objetivo principal deste estudo, que é compreender os processos de construção da identidade racial presentes na escola e fora dela, através das relações estabelecidas pelos professores com os seus alunos e com a comunidade escolar.

Analisando como os professores “se percebem” diante de possíveis discriminações e do preconceito racial, procurei compreender como constroem sua identidade racial.

No primeiro capítulo do trabalho faço uma apresentação sobre as memórias da trajetória escolar, destacando passagens que marcaram minha vida e (re)significaram a minha negritude. No segundo capítulo apresento os caminhos metodológicos percorridos para a elaboração deste trabalho, descrevendo a forma

como foram realizadas as entrevistas com cada uma dos sujeitos que colaboram nesse estudo.

No capítulo três aprofundo algumas questões teóricas destacando a importância do conhecimento das nossas origens, fator essencial para que cada um de nós se reconheça como indivíduo. Evidencio também os aspectos distintos que favorecem o assumir a negritude. Na sequência, analiso as falas dos professores, utilizando como subtítulos os aspectos principais que foram levantados durante as entrevistas dialogadas, como as visíveis discriminações e o preconceito étnico racial, ainda presentes no Brasil.

E, por fim, o quinto capítulo, intitulado “Sensibilizando o olhar para a negritude”, seção que abriga a parte conclusiva deste estudo. Completa o texto as referências bibliográficas consultadas e referidas ao longo do trabalho, bem como apêndices e anexos.

1 MEMÓRIAS DA MINHA NEGRITUDE NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Revisito aqui minha trajetória de estudante negra, e destaco alguns eventos notáveis e realizações pessoais desde a minha infância até os dias atuais. Olhando para a minha história, reconheço motivações que recebi dos meus pais, as quais contribuíram para a construção dos meus valores e que, em parte, conferem sentido ao trabalho que desenvolvo aqui. Tenho orgulho do meu passado e não me arrependo de nada o que fiz, pois, sem essa trajetória, não teria as capacidades e competências que tenho hoje.

“O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...] essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas”. (LARROSA, 1995, p.48)

1.1 Minhas primeiras motivações e ingresso à escola

Quando eu tinha cinco anos meus pais ensinaram a escrever meu nome e a reconhecer os números na sequência de um ao dez. Eles sempre diziam que eu tinha que prestar atenção em tudo o que me ensinassem, que eu tinha que estudar muito para ter um futuro bom e para que nunca me faltasse nada. Meus pais sempre diziam que as pessoas esforçadas são reconhecidas e valorizadas.

Minha vida escolar começou quando eu tinha seis anos, em 1990, no Jardim¹ de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental de Porto Alegre, da qual tenho ótimas lembranças. Não me recordo o nome da minha professora, mas lembro que ela me tratava muito bem: eu brincava com meus colegas, parecia tudo tão perfeito, tinha hora do conto, das músicas e das brincadeiras.

A professora nos ensinava as letras do alfabeto. No decorrer das aulas, quando ela nos ensinou a escrever o nome, ficou muito surpresa ao ver que eu sabia escrever meu nome e sobrenome e que reconhecia quase todas às letras do alfabeto. Um dia ela pegou meu bloco de atividades, mostrou aos colegas e disse que era muito bonito e organizado e que todos tinham que cuidar seus blocos e materiais da escola assim como eu. Este dia foi importante para mim, e ainda tenho essa cena muito forte em minha memória.

¹ Turma da Educação Infantil, chamada Jardim na antiga configuração escolar.

Em 1991, troquei de escola, também estadual e próxima a minha casa. Entrei na primeira série. Minha mãe sempre teve a preocupação de cuidar da minha aparência: eu ia à escola com o cabelo trançado e com roupas bem bonitas. Meu cabelo é bem crespo, gosto dele. Quando minha mãe não fazia as tranças eu o usava e ainda uso “amarrado”, pois ele é muito volumoso.

Lembro que na escola minhas tranças era algo inédito e recordo também que na minha sala eu era a única aluna negra. Alguns colegas ficavam me olhando e perguntavam por que eu era preta. Eu me sentia muito triste quando perguntavam isso, pois todos faziam a mesma pergunta. Certo dia na sala de aula um colega falou que eu era preta por que quando eu nasci minha mãe tinha me deixado cair em uma panela de feijão, outros diziam que era um picolé de pinche...

Estas situações me deixavam muito chateada ao ponto de me desanimar. Comecei a não copiar nada que a professora passava no quadro e não sentia mais vontade de ir à escola. Por isso, chamaram minha mãe e pediram que ela conversasse comigo. Mas quando relatei o que estava acontecendo, tudo o que os meus colegas ficavam perguntando e falando na sala de aula, minha mãe ficou muito revoltada e foi conversar com a diretora. A solução encontrada pela direção da escola foi me tirar da sala de aula e me deixar em uma sala separada. Então passei a ter aula numa sala que não tinha nenhuma criança e ficava apenas com a Pedagoga Tânia.

Nesse período tive acompanhamento pedagógico, e não esqueci da Tânia, que foi muito querida e importante para minha vida escolar. Ficava conversando comigo sobre muitas coisas e entre o que conversávamos me dizia: você é muito linda, adoro o seu cabelo, sua cor de pele é muito linda. E falava também que não deveria ficar chateada com o que os meus colegas diziam, pois eles não tinham conhecimento do meu valor e que podia me orgulhar de ser como eu sou.

Além de conversar, Tânia me ensinava alguns conteúdos da escola para que eu não ficasse para trás e não viesse repetir o ano. Na escola, de maneira geral, eu sempre tirei notas boas, às vezes não chegava ser um 10, mas era 7, 8 ou 9.

Me dedicava muito aos estudos, pois meus pais estavam sempre me cobrando e me incentivando para estudar. Meus colegas me respeitavam porque eu era “inteligente” e “boa aluna” e sempre queriam fazer trabalhos comigo. Algumas vezes eu via que era puro interesse, por isso fazia os trabalhos sozinha. Um dia uma colega me disse: *“que nojo esta nega sarava, está se achando...”* Eu retornei a

provocação dizendo que poderia estar “me achando”, mas é você quem vai tirar notas ruins!

Quando eu estava na quinta série rodei em matemática. Nesta época lembro de que na minha sala eu não tinha muitos amigos, pois as relações de amizades na aula eram mantidas entre alunos que tiravam notas boas. Percebi que muitos dos meus colegas que se diziam meus amigos começaram a se afastar de mim quando minhas notas começaram a cair e diziam que além de ser negra ainda é burra! Foi aí que eu vi a relação que eles atribuíam a minha origem, e lembrei-me naquele momento do que meus pais me diziam que o estudo é tudo.

Mas deixei isto de lado. Nos anos posteriores no Ensino Fundamental continuei tirando notas boas, alguns colegas andavam comigo, principalmente quando tinha algum trabalho em duplas eu em grupo para fazer, mas no geral eu não tinha amigos.

Meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos. Foi um período triste, mas que superei, pois eu sabia que ainda teria a minha mãe para me ajudar.

1.2 Praticar esporte e a escola

Na escola tinha muitos torneios, de futebol, de vôlei e de handball. Era impressionante, pois os times eram sempre compostos pelos alunos brancos porque cada turma escolhia seus participantes. Entre as meninas negras da escola eu era a única que participava das três modalidades. Todos me escolhiam, porque eu jogava bem futebol, vôlei e handball e, inclusive, os pais e mães de outros colegas me conheciam e me admiravam pelos meus talentos esportivos e diziam que além de ser inteligente eu era uma boa atleta. Para mim, parecia nestes momentos que todos esqueciam que eu era negra, pois se eu tirasse sempre notas baixas e não soubesse jogar vôlei, futebol e handball nenhum pai ou mãe saberia meu nome, eu viveria no anonimato como alguns colegas negros da escola. Toda a equipe escolar sabia o meu nome: professores, alunos, funcionários e pais de alunos, tudo devido as minhas notas e aos esportes que eu praticava. Alguns até me colocavam apelidos, mas não no sentido pejorativo, mas sim carinhosos.

1.3 O Ensino Médio

No Ensino Médio fiz novos e bons amigos. Ao mesmo tempo cursei o técnico em eletrônica. No Ensino Médio, minhas notas sempre foram muito boas e, por isso, meus colegas queriam fazer trabalhos comigo. Me destacava nas disciplinas de matemática, física, química, português e inglês.

Conheci nesta escola o professor João Francisco e o professor Rafael, os únicos professores negros que tive durante o meu percurso escolar. Estes professores foram muitos bons comigo. João é professor da língua portuguesa e conversávamos sobre a nossa origem negra, sobre a discriminação, a importância do estudo para que tenhamos uma qualidade de vida melhor. Rafael, professor de Sociologia formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul me incentivou a estudar e tentar entrar na Universidade.

1.4 Ingresso na Universidade

Meu sonho era fazer letras, mas ao pesquisar os horários que as disciplinas eram disponibilizadas vi que seria impossível fazer este curso na UFRGS, pois teria também que trabalhar. Então optei por fazer Pedagogia e graças a Deus consegui passar. No início do curso estava com dúvidas se era isso mesmo que eu queria, mas, com o passar do tempo percebi que havia tomado o caminho certo.

Entre muitas leituras que realizei durante o curso, as que me dão maior satisfação são as tratam da temática do meu trabalho de conclusão, e cada vez me apaixono mais, pois pela primeira vez estudo sobre os meus ancestrais, a maneira que o negro vem conquistando o seu lugar na sociedade, as dificuldades encontradas, “os diversos caminhos que nos levam até o sucesso”, além de ver a realidade e o espaço que nós, que eu, mulher negra tenho na UFRGS, principalmente sabendo que o número de docentes negros na universidade não chega a 2%. Isso também me faz procurar respostas através deste estudo sobre as trajetórias escolares de professores negros: os motivos pelo qual a representatividade de professores negros é desigual, em relação aos professores brancos que atuam nas etapas diferentes do ensino. A falta de estudos sobre o tema no curso será de alguma forma suprido pela contribuição do trabalho que desenvolvo aqui. Por isso reafirmo o que escrevi no início do texto: tenho orgulho do meu passado e não me arrependo de nada o que fiz, pois se não fizesse tudo o que fiz, não teria as capacidades e competências que tenho hoje. Algumas escolhas que

fazemos, até mesmo as oportunidades que perdemos, modificam nossa vida. Tudo tem o momento certo para acontecer, pois nossos atos contribuem diretamente na vida das pessoas que cruzam nosso caminho.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo. De acordo com Godoy (1995) é qualitativa, pois ocupa um reconhecido lugar entre as possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecida em diferentes ambientes.

O objetivo principal deste trabalho é analisar as trajetórias escolares de cinco professores(as) negros(as) que atuam em escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, dirigindo o olhar para os aspectos que os/as levaram a escolher a docência, destacando as marcas identitárias étnico raciais.

O problema desta pesquisa decorre de minha curiosidade em saber sobre as trajetórias escolares de professores negros. Então, a questão que baliza a investigação ficou assim delineada: considerando as trajetórias escolares, como se constituem as identidades de discentes negros em busca da docência?

Os procedimentos metodológicos utilizados foram entrevistas dialogadas, a partir de um roteiro semi-estruturado, com cinco professores/as negros que atuam em diferentes etapas da educação escolar. Carvalho (2000) afirma que por meio das entrevistas conseguimos obter lembranças da memória oral, da história oral, da movimentação geográfica, acontecimentos que poderão ser utilizados mais diretamente num entrelaçamento de acontecimentos individuais ou coletivos. Através das lembranças que vão surgindo pode-se perceber a importância das histórias narradas pelos professores acerca das suas trajetórias escolares e de acontecimentos fora deste contexto.

A ideia inicial era entrevistar apenas quatro professores/as, um/a de cada nível de ensino, mas quando iniciei as entrevistas surgiu à quinta professora que atua também no Ensino Superior e que mostrou desejo em participar da pesquisa. Os entrevistados foram os seguintes profissionais; uma professora da Educação Infantil, uma do Ensino Fundamental, um professor do Ensino Médio e duas professoras do Ensino Superior. As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro semi-estruturado, com perguntas relevantes à trajetória escolar para cada um dos professores envolvidos. Ainda os questioneei sobre acontecimentos marcantes em suas vidas fora do contexto escolar.

Por isso, o critério para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi apenas um: deveriam ser professores negros que atuam em redes públicas ou privadas da Educação Infantil ao Ensino Superior, levando em conta a representatividade de cada um dos níveis de ensino.

São professores negros, pois, somente quem é negro pode sentir na pele os efeitos desta marca, da sua negritude, podendo criar (re)sentimentos de sua cor que chega em qualquer lugar que for anunciando. Sendo assim, os sujeitos rotulados, tratados, interpretados por seus fenótipos, pois quanto mais crespo for cabelo, mais escura for à cor da pele maior será a identificação como negros, mais será em algumas vezes discriminado.

O racismo é uma questão estudada por vários pesquisadores. Alguns deles, Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva, Luis Alberto de Oliveira Gonçalves, entre outros cujas ideias contribuem para este trabalho.

Os cinco professores entrevistados atuam em diferentes etapas da educação do ensino público e privado. Dentre eles, quatro optaram pela utilização de pseudônimos, enquanto somente a professora Gládis Kaercher professora que atua na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fez questão uso do próprio nome.

Por isso os nomes citados a partir de então são fictícios e os dados constam no quadro que apresento na sequência.

Nome	Formação Acadêmica	Idade	Nível de Atuação	Tempo de atuação
Antônio	Formação em Magistério e Letras, licenciatura.	56	Ensino Médio	32 anos
Bianca	Formação em Magistério e Pedagogia	40	Educação Infantil	20 anos
Cecília	Formação em Magistério e Pedagogia	29	Ensino Fundamental	12 anos
Denise	Formação em Psicologia	50	Ensino Superior	25 anos
Gládis	Formação em Letras Licenciatura	43	Ensino Superior	16 anos

As entrevistas foram realizadas entre o período de 18 de outubro a 1º de novembro de 2012. Todos os professores entrevistados concordaram de bom grado e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)². Após terem sido transcritas as entrevistas cada professor recebeu por e-mail o respectivo documento, exceto o professor Antônio e a Professora Cecília, que receberam as transcrições impressas por não utilizarem e-mail.

Durante a realização das entrevistas, usei um roteiro semi-estruturado³ que serviu como guia no diálogo que se seguiu com cada um dos professores. Foram colocadas questões referentes à trajetória escolar dos professores e acontecimentos importantes que marcaram suas vidas no ambiente escolar e fora dele, apontamentos positivos e em algumas vezes frustrantes. O diálogo foi conduzido de forma com que cada professor buscasse em sua memória tais lembranças. De acordo com as ideias de Lüdke (1986), uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

Dentre as perguntas que nortearam este trabalho, destaco as mais relevantes:

Você percebia algum distanciamento de seus colegas por você ser negro/a? Você teve algum professor negro no Ensino Fundamental [...]. [...] Médio. [...] Superior? Alguma vez sua professora comentou na sala de aula sobre a sua cor de pele, ou outro aspecto visível sobre a sua negritude?- Quando você estava no Ensino Básico percebia se a professora utilizava algum material que valorizasse a cultura afro-brasileira em sala de aula? ...

Cada pergunta dava margem a outros questionamentos, cada resposta surpreendia, cada silêncio, cada minuto de reflexão apresentadas durante o diálogo, me fizeram (re)pensar na minha própria trajetória escolar. Desde a primeira entrevista, de acordo com a maneira que conduzi o diálogo, percebi que deveria fazer outros tipos de questões para as demais entrevistas.

A primeira entrevista foi realizada no dia 18 de novembro, com o professor Antônio, um entre os dois professores que tive no Ensino Médio. Durou 40min e foram transcritas 6 páginas do diálogo. A segunda entrevista foi realizada no dia 19 de novembro, com a professora Bianca que atua na Educação Infantil, teve duração

² Conforme modelo que consta como anexo.

³ O roteiro se encontra como apêndice

de 1hora20min e foram transcritas 12 páginas. A terceira entrevista foi realizada no dia 28 de outubro com a professora Cecília que atua no Ensino Fundamental, durou cerca de 30 minutos e foram transcritas 8 páginas. A quarta entrevista foi realizada no dia 30 de outubro com a professora Gládis que atua na UFRGS, durou em torno de 40 minutos e foram transcritas 8 página. A última entrevista foi realizada no dia 01 de novembro com a professora Denise que também atua no Ensino Superior. Levou 1h35min, foram transcritas 12 páginas.

2.1 A descrição das entrevistas com cada professor

Como eu já conhecia o professor Antônio inicie nossa conversa contando a ele sobre as mudanças que estavam ocorrendo em minha vida, do novo emprego, das colegas de trabalho e da rotina que se iniciava na semana. O professor Antônio contou-me um pouco de como havia sido a semana dele, conversamos acerca de 25 minutos antes de eu iniciar a entrevista dialogada.

Apresentei ao professor o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi lida e assinada por ele. Também lhe entreguei uma cópia. Elogiou-me pela a escolha do tema da pesquisa e disse que se sentia honrado em participar de um trabalho que é tão importante e pouco abordado na sociedade. Entreguei para o professor o roteiro para que desse uma lida prévia antes que se iniciasse a entrevista, buscando em sua memória fatos e acontecimentos que marcaram sua trajetória escolar.

Após, perguntei se ele se haveria algum problema se eu gravasse nosso dialogo, fato que o deixou pensativo, olhou-me e perguntou o porquê eu faria a gravação. Respondi que no decorrer da nossa conversa seria impossível anotar tudo o que ele iria me dizer e, para não perder nenhuma informação, seria melhor que eu gravasse para contemplar tudo o que diria. O professor disse que estava tudo bem e que eu poderia gravar. No entanto percebi seu desconforto pelo fato de estar sendo gravado, mas mesmo assim contou-me com detalhes acontecimentos marcantes da sua trajetória educacional.

Na sequência fiz a entrevista com a professora Bianca, que foi minha colega de trabalho. Iniciei a conversa falando sobre o meu TCC, os objetivos, o porquê da minha escolha e assim fomos dialogando sobre as questões relevantes da sua trajetória educacional, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

A professora Bianca contou-me fatos que marcaram sua vida de estudante, no entanto, quando eu havia terminado a entrevista, perguntei a ela se tinha algum fato fora do cotidiano escolar que também a marcou: pensou me olhou e neste momento percebi que a expressão do seu rosto havia mudado. Então, ela disse que tinha um fato que havia acontecido quando ela tinha dez anos e que marcou a sua vida e fez com que ela assumisse uma postura que segue até hoje⁴.

A terceira entrevista foi com a professora Cecília, também ex-colega de trabalho e que hoje atua no Ensino Fundamental. Quando iniciei a entrevista percebi que a professora Cecília estava muito receosa para responder as perguntas que eu fazia e para que ela se sentisse mais à vontade, dei alguns exemplos que haviam acontecido comigo durante o trabalho. Pareceu-me que ela sentiu um alívio em me escutar e a maneira que eu ia conduzindo meus próprios relatos permitiu que Cecília falasse com mais leveza e seguimos o diálogo.

A quarta entrevista realizei com a professora Gládis, que contou fatos que me fizeram pensar na minha vida, na trajetória percorrida por meus ancestrais, na formação da autoestima. A fala da professora Gládis me fez refletir até agora, neste momento que estou escrevendo, e com certeza emocionaria a qualquer pessoa que estivesse ouvido o que ouvi.

A quinta entrevista surgiu por acaso. Em uma conversa, comentei sobre o TCC com uma colega de trabalho, sobre as trajetórias educacionais de professores negros. Ela prestou muita atenção no eu estava lhe falando, ficou muito pensativa e em seguida comentou que havia tido uma professora negra no Ensino Superior. No mesmo momento, pegou o celular, ligou para sua ex- professora e em seguida passou o telefone para mim. Ao falar com ela, disse as seguintes palavras: boa noite, meu nome é Kátia Prudêncio, sou negra, estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou fazendo meu TCC sobre trajetórias educacionais de professores negros, gostaria de saber se você teria disponibilidade para conversar comigo um pouco sobre sua trajetória educacional. Prontamente a professora Denise disse que sim e já perguntou-me se podíamos marcar um local para conversar. Prontamente respondi que sim, peguei os contatos e marcamos um encontro no seu local de trabalho. Desde o primeiro contato telefônico fomos trocando e-mails até o dia da nossa conversa. Quando nos encontramos, nos

⁴ Nos próximos capítulos descrevo esse e outros fatos relevantes das trajetórias registradas.

apresentamos uma à outra, conversamos previamente sobre o que se tratava o meu trabalho e claro, desta vez o assunto foi mais detalhado.

A professora Denise contou-me acontecimentos muitos importantes da sua trajetória escolar e ressaltou algumas situações sobre a sua negritude fora do contexto da escola. Tudo o que conversamos me emocionou muito e me senti privilegiada pela oportunidade de ter dialogado com ela. Algumas situações abordadas por Denise me fizeram pensar sobre a minha vida e sobre as outras pessoas negras que passaram e ainda passam pelo meu caminho.

Todas as entrevistas realizadas me ofereceram rico material para análise. As entrevistas seguiram dois eixos norteadores direcionados à trajetória escolar dos professores negros e a suas vidas fora do contexto escolar. Nesse sentido, consegui fazer com que os diferentes momentos e aspectos da pesquisa se intercomunicassem dinamicamente, interpenetrando-se de forma intencional e provocativa.

É notável no discurso de todos/as professores entrevistados a presença de situações muitas vezes desagradáveis que no decorrer das suas experiências educacionais eles/as foram aprendendo a contornar.

No final de todas as entrevistas dialogadas somaram 46 páginas de transcrições de falas e compõe os principais dados empíricos desta investigação. Apresentarei, na sequência, as análises dos dados, trançadas com a compreensão teórica propiciada pelos autores principais usados nesse estudo⁵: Munanga (2003; 2004; 2005; 2006; 2008), Hickmann (2002), Gomes (1993/94; 2003; 2009; 2011), Leal Pará (2007), entre outros.

Ao conversar com cada professor, percebi por parte deles um interesse muito grande em participar das entrevistas, pois para alguns deles seria a primeira vez que falariam sobre aspectos referentes às suas origens e a sua negritude. Falariam também sobre passagens na sua trajetória escolar que até então não haviam sido questionadas, (re)pensadas, (re)contadas e (re)construídas através de suas lembranças.

Pareceu-me que em cada questionamento feito sobre a trajetória escolar dos professores, as respostas vinham com muito sentimento e percebi em cada

⁵ Importante ressaltar que a maior parte desses autores é negra, evidenciando assim minha escolha, mas também a importante contribuição de intelectuais orgânicos para o estudo da negritude.

momento a importância que meu trabalho trouxe para cada um que se envolveu. Também foi destacada a importância do reconhecimento do aluno negro, do professor negro e acima de tudo do cidadão negro que têm direitos e deveres como os demais sujeitos da sociedade.

Nas narrativas dos professores apareceu com frequência que nas escolas não eram trabalhados temas que abordassem o tema da cultura negra e afro-brasileira. Em discussões que tivemos após o término do diálogo que foi gravado, alguns entre os cinco professores anunciaram que a cultura negra deveria ser mais abordada na sala de aula, assim as crianças negras se sentiriam menos discriminadas. Nesta perspectiva, é importante para os alunos negros que as escolas reformulem seu currículo e contemplem com mais destaque a história e a cultura dos povos afrodescendentes.

Sobre as pesquisas com professores negros, identidade étnico racial, discriminação e currículo escolar, concordo com Santana (2004), pois,

os estudos sobre os professores negros juntamente com outros sobre relações raciais e educação, destacam a importância do professor como agente fundamental no processo de desconstrução do racismo. Nesses estudos, a responsabilidade dos educandos frente à construção de um currículo que contemple a diversidade é considerado imprescindível para a mudança de postura em relação ao alunado negro. (SANTANA, 2004, p.41)

Todo trabalho que contribui para o reconhecimento da identidade negra pode ser feito gradativamente, de maneira que possa “atingir” negros e não negros, possibilitando o envolvimento de todos que compõe a comunidade escolar. Nas entrevistas que registrei foram abordados diversos acontecimentos da trajetória escolar que contribuíram de diversas maneiras para a formação identitária de cada professor.

Cecília relatou que quando estava na sétima série do Ensino Fundamental, foi proposto pela professora que lhe dava aula um trabalho bem interessante sobre diversos países que faziam parte da África, mas, no entanto esta foi à única vez que ela se lembra de ter trabalhado na escola sobre o tema da cultura africana. A lei n. 10.639/03, que altera a lei n. 9394/96, na sua regulamentação estabelece que a educação deverá abranger os processos formativos desenvolvidos também no meio familiar, no meio social, nos meios de trabalho e nas manifestações sociais. Para Nilma Gomes (2009), a alteração vincula-se à garantia do direito à educação e requalifica esse direito, ao acrescentar-lhe o direito à diferença. Assim sendo a Lei n.

10.639/03 propõe a inclusão da educação das relações étnico-raciais e da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares. Em suas diversas formas de regulamentação possui abrangência nacional e deve ser implementada pelas escolas brasileiras, sendo elas públicas ou privadas. Neste sentido a referida lei vincula-se à garantia do conhecimento da cultura africana, atingindo não apenas os negros, mas a sociedade em geral.

Infelizmente na época que Cecília estava no Ensino Fundamental ainda não existia tal legislação, substituída pela lei n 11. 645/08, que torna obrigatório nas escolas conteúdos referentes à história e à cultura afro-brasileira e Indígena.

Ainda no que se refere a questões de estudo sobre temáticas da cultura negra e afro-brasileira, três professores disseram que na sua vivência na escola não estudaram nada sobre a cultura africana nem mesmo sobre a cultura afro-brasileira. A professora Bianca disse que só teve contato com materiais sobre a cultura negra e afro-brasileira e livros da literatura infantil, que ajudassem na construção da autoestima dos negros quando ingressou na Universidade.

Analisarei mais detalhadamente as falas dos professores entrevistados, mas antes teço algumas considerações teóricas sobre as marcas da negritude e como foram na história do Brasil, bem como aspectos do racismo que decorre em preconceitos e discriminações.

3 ESTUDOS DA CULTURA NEGRA

3.1 Marcas da negritude: quem sofreu discriminação?

O Brasil é o país com a maior população negra fora do continente Africano. É a segunda maior população com afro-descendentes do mundo, atrás apenas da Nigéria. No entanto, o Brasil, ao longo de sua história produziu um quadro de extrema desigualdade entre os grupos étnico-raciais (negros/brancos/índios). A imagem dos negros ainda está associada ao período de escravidão.

Em 1837 houve uma reforma de ensino, o qual proibia negros, mestiços, mulatos e filhos de pretos africanos ainda que livres ou libertos de frequentarem a escola. Esta reforma interditou este grupo social à escola, ação que teve resultados negativos em relação à situação econômica e social dos negros.

Histórica e culturalmente, o negro sempre foi inferiorizado. A história de desvalorização do negro se iniciou no período de escravidão que se deu a partir do Brasil colonial. Devido aos modelos sociais excludentes e racistas que perduraram depois de findada a escravidão, a educação tem sido por muito tempo um dos principais mecanismos de ascensão social, no entanto grande parte da população afro-brasileira encontra-se fora do espaço escolar.

Desde o período que o Brasil foi colônia de Portugal, predomina um caráter escravocrata e desigual, sendo o último país no mundo a abolir a escravidão dos africanos e seus descendentes. Desde então, o fenômeno do racismo que se instituiu na escravidão, deixou marcas na população brasileira que persistem até os nossos tempos. A escravidão é um capítulo marcante da História do Brasil. Embora ela tenha sido abolida há 124 anos, não pode ser apagada e suas consequências não podem ser ignoradas.

.Assim, a história de inferioridade do negro veio se multiplicando e parece que o passado de escravidão ainda está presente entre nós. Por muitas vezes o negro ainda é desvalorizado e tratado com indiferença e inferioridade na sociedade.

No Brasil a discriminação é praticada em diferentes setores da sociedade. A escravidão deixou marcas em pessoas que apresentam em seus estereótipos a pele escura, e quanto mais escura for, mais discriminado o sujeito será. Seguindo a linha de acontecimentos que marcaram a vida dos negros, Silva (2008) lembra que os afrodescendentes foram marcados pelas ações dos colonizadores que durante

séculos inventaram estereótipos ligando negros à barbárie, à feitiçaria das trevas, as aventuras sexuais, a escravidão, a preguiça e a marginalidade.

Nas estatísticas, os negros possuem os menores índices de escolaridade e moram nos piores bairros das grandes cidades. No que se refere às questões de discriminação racial, Rodrigues (2005, p. 19) nos traz a ideia que “a discriminação racial sempre existiu, mas estando no outro lado da moeda dá para perceber e pensar as causas destes problemas e podemos tentar agir sobre eles, no âmbito da sociedade, através da educação”.

Ainda sobre discriminação racial, Gomes (1993/94) infere que

[...] o racismo presente no imaginário social e na prática brasileira serviu de base para a elaboração e aplicação de teorias, o seu efeito foi incorporado no discurso e na prática do cidadão brasileiro e transformou-se em senso comum, a ponto de ser repetido na escola como se fosse consenso para toda a sociedade. (GOMES, 1993/94, p.52)

Este processo histórico e social causou e continua causando até hoje sérios danos na construção identitária e social de cada homem e mulher negros. Os negros brasileiros, por terem passado e ainda passam por este processo discriminatório, apresentam a sua identidade social inferiorizada em relação aos cidadãos não negros.

Apesar do histórico de desvantagem, muitos negros recebem em casa, de suas famílias, um incentivo para estudar. Outros, frente a situações de desigualdade procuram fazer o possível para sair do quadro de “desvantagem”. Segundo Gonçalves (2000), na luta de negros brasileiros a educação sempre ocupou lugar de destaque, ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho, ora como veículo de ascensão social.

Concordo com Gomes (2003), no que se refere à cultura negra, esta pode ser vista como uma particularidade construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas com contato com outros grupos e povos. Existem diferentes culturas espalhadas, entre elas os negros encontram o seu lugar, com pessoas que não os desprezem ou os coloquem em posições inferiores.

Pode ser que com o estudo da cultura negra nas escolas a realidade dos afrodescendentes mude. No que se refere à educação no Brasil, Munanga (2005), afirma que

[...] a perspectiva que temos na escola sobre a cultura afro-brasileira, na realidade alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. (MUNANGA, 2005.p. 204)

Entendo que seja de extrema urgência que nas escolas passem a trabalhar com temas relativos às origens e descendências de seus alunos, pois desta maneira as pessoas aprenderão a conviver umas com as outras. Uma vez que os estudantes terão conhecimento sobre suas origens saberão conviver, trocar conhecimento e respeitar não só seus colegas, mas também os demais integrantes da sociedade.

Torna-se cada vez mais visível à segregação que é feita com o indivíduo negro, seja adulto ou criança, pois sendo negro, não precisa chegar a um lugar anunciando, pois no primeiro contato com outras pessoas seus fenótipos irão anunciá-los.

Neste sentido busco apoio em Lima (2008, p.33-34), ao dizer que “as etnias negras são, então demarcadas pelas raízes históricas, sócio-culturais e políticas que marcaram a formação populacional brasileira, e pelas relações estabelecidas tanto nas suas ancestriedades distantes como as vivências contemporâneas”.

Como anunciei nas páginas anteriores, desde o ano de 2003 existe uma Lei Federal (n 10.639, atualizada pela lei n. 11.645/2008) e que torna obrigatório o estudo das temáticas afro-brasileiras e africanas [e indígenas] na escola. Assim, nas escolas de ensino público e privado os alunos terão acesso a Cultura Afro-Brasileira, que fez parte da construção do nosso país. Os africanos contribuíram diretamente para a sociedade brasileira, cuja cultura é composta por uma miscigenação de grupos. Por isso ratifico o que escreveu Munanga (2005) no que se refere à história de afro-descendentes

[...] o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (MUNANGA, 2005, p.16,)

3.2 Como podemos definir o negro?

Ser negro é muito mais do que ter a tonalidade da pele escura ou o cabelo crespo. Ser negro é ter que superar situações des(merecedoras) da sua raça, é pensar sobre as atitudes que se deve tomar quando alguma situação hostil provocada por “não negros” foge do controle, em relação às manifestações de racismo encontradas em diferentes setores da sociedade.

Muitos grupos sociais, religiosos, políticos entre outros sofrem algum tipo de discriminação. Aponto aqui algumas definições sobre o racismo, preconceito e discriminação.

O racismo pode ser definido como um sistema que afirma e elege a superioridade de um grupo racial sobre os outros, preconizando, particularmente, a separação destes dentro de um país (segregação racial) ou mesmo visando o a diminuição de uma minoria. O preconceito nos traz a ideia de julgamentos feitos antecipadamente, sobre pessoas ou coisas que não conhecemos. A discriminação é quando tratamos alguém de maneira desigual, pejorativa ou quando somos injustos, com determinadas pessoas ou grupos sociais.

Desta maneira o racismo e o preconceito podem ser entendidos como um comportamento resultante do ódio ou ressentimento em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de fenótipos, tais como: tipo de cabelo, cor da pele, etc. Pode ser também interpretado como um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. É um julgamento negativo.

Neste sentido o racismo também pode ser resultado das vontades de uma pessoa ou de um grupo de se impor, de manifestar e querer que seja aceita uma única verdade ou uma crença como única e verdadeira. O pensamento que muitas vezes predomina é que os negros, pardos, mestiços, etc. são inferiores por possuírem uma tonalidade de pele escura. A discriminação, além de aparecer por questões étnos raciais também aparece por questões socioeconômicas. Observa-se nas falas de Munanga (2006) que o racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade, que todo o repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo.

4 ANALISANDO AS ENTREVISTAS

Iniciarei aqui a análise mais detalhada dos dados obtidos nas entrevistas, agrupando os temas recorrentes em subtítulos que aproxima falas e constatações.

4.1 Preconceitos e discriminações

Dentre os cinco professores entrevistados, quatro relataram ter sofrido algum tipo de discriminação racial dentro ou fora do contexto escolar. Três deles são filhos de professoras. Uma das entrevistadas disse que sua mãe participava do grupo de mães da escola, e a outra professora disse que sua mãe trabalhava e trabalha atualmente como diarista.

Uma entre os cinco entrevistados, relatou com muito entusiasmo que recebeu motivações para que continuasse na luta pelo sonho de iniciar a carreira docente de sua professora de educação física, enquanto os outros quatro professores ressaltaram a importância do apoio familiar, tanto no contexto escolar tanto nas suas formações como cidadãos críticos e principalmente na formação de suas identidades como afrodescendentes. O apoio familiar apareceu como instrumento fundamental para a superação do racismo no dia a dia de cada um dos professores.

As respostas dos professores evidenciaram a contribuição e a importância que tem uma pessoa que os apoie e os ajudam a continuar na caminhada em busca do seu sonho de ser professor. Tudo indica que a consciência que cada professor tem, e o estímulo que recebem na família são insubstituíveis e que marcaram positivamente a sua vida e isso contribui também para os avanços na sua própria trajetória como docentes. Sem dúvida, a autoestima se consolida na medida em que são valorizados. O fato de eu ter entrevistado cada professor me permite argumentar e refletir sobre estas trajetórias.

Nas falas do professor Antônio apareceu alguns apontamentos sobre a questão do racismo.

Na verdade tem muitas pessoas racistas por ai, mas se você perguntar, ninguém vai dizer que é racista, ou que não gosta de negros. Eu sei disso por que já tive colegas de trabalho que conversavam pouco comigo, e quando outra pessoa que conversava comigo, naturalmente percebia e perguntava se a outra pessoa tinha algum problema comigo ou se era racista ela respondia: Eu não sou racista. E esta mesma pessoa nem olhava para a minha cara quando e eu chegava a algum lugar ela saía. [Antônio]

Na forma individual o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios, entre elas destaco na fala de uma professora um fato que mostra o racismo, ainda presente numa parcela grande da população, repercutindo na sociedade negra, que se sente reprimida e insegura em se reconhecer como negra.

A professora Denise, buscou em sua memória um acontecimento que a deixou magoada. Relatou-me o que considera um ato preconceituoso por parte de seu colega, que “desinfectava a cadeira por ela ser negra”:

[...] Eu me lembro de outra ocasião, eu estava na quarta ou quinta série do Ensino Fundamental, a professora havia trocado todos de lugar e ele foi para o lugar onde eu estava sentada, naquele momento ele foi extremamente grosseiro, antes de ele sentar na cadeira ele começou a fazer um gesto como se a tivesse desinfectando... Eu lembro que a professora não viu como meus colegas, mas ela achou engraçado, e depois ela pediu para meu colega não fazer assim... Mas a situação ficou do jeito que estava. E obviamente eu fiquei muito chateada e ofendida. [Denise]

A professora Gládis lembrou de atitudes de preconceitos que eram cometidos na sala de aula quando ela estava no Ensino Fundamental, e que não havia nenhuma atitude por parte da professora para que os insultos acabassem

Havia muitas situações de discriminação e preconceito explícito entre as crianças, entre as professoras com os alunos e nada era feito. (Gládis)

E ainda ressaltou que atitudes de preconceito eram constantes contra ela e os demais colegas negros

Eu era bastante discriminada, os demais colegas negros também, eram feitas piadas racistas, nós éramos excluídos de brincadeiras sempre tinha manifestações de preconceito. (Gládis)

A professora Cecília constatou que para era aceita perante seus colegas por que tirava notas altas,

Eu tinha bastante facilidade de aprender os conteúdos que a professora passava e meus colegas sempre queriam fazer trabalhos comigo. (Cecília)

E ainda completou dizendo que

Alguns eram meus amigos, mas os outros eu tenho certeza, que eles se aproximavam de mim por que precisavam de ajuda nos conteúdos da escola. [...] (Cecília)

Pude perceber, que quando se tem atitudes que nos destacam entre os colegas escolares, se tem “reconhecimento” e às vezes, alguns colegas se aproximam por necessidade de obter ajuda ou por interesse.

Ao refletir sobre as falas desses professores percebo que quando nos referirmos às questões de preconceito racial, logo lembramos a figura do negro, pois ao longo da história tem sido reproduzido na literatura brasileira de uma forma muito estigmatizada e inferior e em geral ligado ao período da escravidão. Desta forma a prática de racismo ainda vigora, ocasionando preconceito e discriminação, como escreve Gomes:

Ao abordarem esse tema, as professoras lembraram as experiências de discriminação racial sofridas e/ou presenciadas durante a sua trajetória escolar e profissional. [...] Observou-se que o impacto do racismo resulta em uma situação extremamente conflituosa para o negro brasileiro. (GOMES, 1993/94, p.56)

Provavelmente, se a questão do racismo não for analisada e discutida, nada mudará, uma vez que os prejudicados foram e continuaram sendo os negros ou afros descendentes. A consolidação de um caminho para a construção de uma luta antirracista sólida só poderá ser feita se envolver todos os cidadãos brasileiros, de todas as classes sociais e etnias.

A fala da professora Gládis evidencia essa preocupação e aponta possibilidades educativas para sensibilizar toda a sociedade brasileira sobre o tema.

Isso quer dizer que a gente tem um longo percurso para chegar de fato a ser um país não racista, um longo percurso que para mim é educativo de um modo mais amplo, não é só a educação escolar, acho que a educação que se dá fora do espaço escolar é fundamental e sobre tudo é um processo educacional que precisa atingir negros e não negros. Educar só o branco para que ele não seja racista não é o suficiente para acabar com o racismo. (Gládis)

Atualmente os debates sobre a educação para a diversidade fazem-se cada vez mais intensos pela urgência e a necessidade de mudanças nos setores educacionais. Os professores entrevistados procuraram dar visibilidade às questões da afrodescendência e da discriminação racial. De uma maneira geral todos buscaram discutir uma prática que compreenda o desenvolvimento do sujeito numa dimensão histórica, social e cultural que atenda as suas peculiaridades e respeite as diferenças, buscando a superação dos preconceitos e discriminações.

4.2 Ausência de professores negros nos diferentes níveis de escolarização

A partir de alguns estudos sobre a cultura afro-brasileira e da história da educação dos negros no Brasil, pode-se pensar por que professores/as negros/as ainda são pouco presentes nas escolas brasileiras.

Se formos pensar no Brasil como um todo é possível afirmar que o número de professores negros que atuam nas escolas privadas ainda é inferior ao número de professores brancos devido às questões econômicas e a situação étno racial. Mas com as novas oportunidades que estão surgindo poderá mudar este quadro, principalmente com o sistema de cotas raciais nas universidades ⁶.

Na cidade de Porto Alegre, por exemplo; esta realidade está se transformando aos poucos, ainda não beneficia todos os afrodescendentes, mas com o passar dos tempos à realidade poderá ser diferente. Nesse sentido, esperamos que os profissionais negros possam ter mais representatividade nas escolas, com maiores oportunidades para trabalhar em cargos que tenham salários mais elevados. Professores negros que atuam ou atuaram nas redes escolares perceberam tais realidades, como expressa o professor Antônio.

Com este número de oportunidades, daqui a pouco tempo a quantidade de professores negros vai aumentar tanto na Educação Infantil, no Ensino fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior. A questão do negro ainda é muito delicada. A tendência daqui a um tempo é aumentar tanto o número de estudantes negros nas universidades, como de professores negros atuando das diferentes camadas do ensino, e também as oportunidades de ingresso à universidade vai aumentar o número de negros nos diferentes setores de trabalho. (Antônio)

Nas trajetórias educacionais dos professores entrevistados foi notável a ausência de professores negros nas diferentes etapas do ensino. A professora Denise desabafou:

Eu nunca tive professores negros! (Denise)

O professor Antônio, refletiu sobre sua trajetória escolar:

Não tive nenhuma professora negra no Ensino Fundamental [...] No segundo grau tive uma professora negra. Mas a quantidade de professores negros que atuavam na minha escola era inferior ao número de professores brancos. Ainda estudei em “dois segundos graus” e nas escolas que estudei o número que prevalecia em maior quantidade era de professores brancos e o número de professores negros era mínimo. (Antônio)

⁶ As cotas raciais são a reserva de vagas em instituições públicas ou privadas para grupos específicos classificados por etnia, na maioria das vezes, negros e indígenas.

A professora Bianca, mostrou que sua realidade no ambiente escolar não foi muito diferente, ou seja, não teve professores negros:

Na Educação Infantil até o quarto ano do Ensino Fundamental eu não tive nenhum professor negro, nem de educação física ou artística, nenhum, todos professores eram brancos. (Bianca)

Nas narrativas dos professores entrevistadas, pode-se perceber que não havia muita representatividade de professores negros nos diferentes níveis de ensino. Já nas escolas que se percebia a presença destes profissionais, ao comparar com o número de professores brancos, a quantidade de professores negros era inferior.

Com toda sua experiência a professora Gládis afirma que nas escolas da rede privada do ensino são bem criteriosas na hora de contratar professores negros

[...] as escolas privadas tem a remuneração melhor, melhores condições de trabalho. Sem dúvida as escolas privadas na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior, elas pautam seus processos seletivos por critérios que não são só de mérito mas também étnico-raciais. Estou querendo dizer e estou dizendo explicitamente é que os processos seletivos consideram sim a raça para o resultado final. Então não tenho dúvida que as instituições privadas quando tem dois candidatos de mesmo desempenho e semelhante currículo, vão optar por escolher o professor branco para contratação. (Gládis)

A professora Cecília afirmou que

O número de professores negros que atuam na rede privada ainda é inferior ao número de professores negros que atuam nas redes públicas de ensino. (Cecília)

O professor Antônio, fica pensativo, reflete sobre a própria fala

[...] é complicado responder por que tem poucos professores negros atuando na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior, pois cada um tem sua história, ninguém vive a mesma coisa. (Antônio)

Quando nos aprofundamos nos fatos citados acima, podemos compreender que a construção do reconhecimento do profissional negro se faz de forma gradual. As conquistas no meio educacional podem ser percebidas como aspecto positivo no processo educativo.

As diferenças entre pessoas negras e não negras sempre existiram, mas, no momento, entendo que elas podem ser consideradas como fatores desencadeantes de novos profissionais negros, mais fortes, mais persistentes, levando em consideração que o professor negro precisa se destacar nas suas atividades, nos seus trabalhos e planejamentos escolares para que possa ser aceito, reconhecido

como um bom profissional. Às vezes ocorrem alguns conflitos que são próprios desses momentos onde se estabelecem algumas mudanças, entre elas, principalmente os reconhecimentos e a valorização, que podem nos levar para um fazer coletivo diferenciado.

É necessário que o professor neste momento se assuma como sujeito da produção do saber e saiba que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades tanto na sala de aula como na construção da sua própria identidade. Portanto, para que haja mais representatividade de professores negros nas diferentes etapas da educação é necessário que cada profissional negro que pretende atuar nesta área passe por um processo de aceitação de seus valores que são inerentes a cada sujeito e a aprendizagem com certeza se envolve nesse processo. Como diz Gomes (1993/94), o processo de ascendência ou descendência nos mostra que os grupos sociais constroem historicamente sua trajetória, atuando enquanto sujeitos, influenciando e modificando a sociedade a qual fazem parte.

4.3 Distribuição de professores e alunos negros em diferentes etapas do Ensino

Nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2009, foi constatado que em partes diferentes do Brasil, o número de alunos negros que estudam em escolas privadas é pequeno em consideração aos alunos brancos.

Enquanto os alunos negros aparecem em maior proporção nas escolas públicas periféricas, o número de alunos brancos nas redes privadas é infinitamente maior do que o número de alunos negros encontrados nesta rede, que é quase nulo.

A população estimada, segundo a dependência administrativa da escola, foi composta por 489 865 (79,2%) escolares que estudavam em escolas públicas e 128 690 (20,8%), escolares que estudavam em escolas privadas. (dados do IBGE, 2009)

Levando em consideração dos dados do IBGE, bem como as narrativas dos professores entrevistados, nas escolas de ensino privado há maior representatividade de alunos brancos. E, mesmo considerando a trajetória dos professores, pode-se constatar que muitos deles não tiveram nenhum colega negro em diferentes etapas do ensino, como aparece nesse trecho da fala com Antonio e Denise:

Em todos os níveis de ensino que passei percebi que nas escolas da rede privada o maior número de alunos era e ainda são brancos, mas afirmo que o número de alunos negros no ensino privado está aumentando. [...] Na universidade tive poucos colegas negros. Acredito

que nos dias atuais o número de professores negros ainda é inferior que o número de professores brancos. Antigamente os negros tinham muita dificuldade de entrar na escola, na verdade não tinham oportunidade, pois as escolas eram muito caras. (Antônio)

A professora Denise mostrou a realidade, que pode “desamparar uma pessoa negra, pois quando se está em um lugar, onde só há você de negro, como agir”?

Na minha formação eu quase não encontrei nem colegas nem professores negros eu me achava quase à única em cada instituição que eu passava, exceto no segundo grau. Na graduação durante os 5 anos de curso eu tive apenas uma colega negra, na sala de aula era apenas nós duas de negras. Mas professor negro não tive nenhum durante o período que estudei na universidade. (Denise)

Pelo o que consta nos dados do IBGE

A distribuição dos escolares, segundo a cor ou raça, para o conjunto das capitais e o Distrito Federal, mostra maiores proporções de brancos (40,1%) e pardos (39,1%). Entretanto, há importantes variações nesta distribuição. A proporção de pretos para o total das cidades estudadas foi de 12,9%, sendo mais elevada em Salvador (34,8%) e mais reduzida em Curitiba (7,0%). Os percentuais de brancos são maiores nas capitais do Sul do País: 70,6%, em Florianópolis; 69,8%, em Porto Alegre; e 62,8%, em Curitiba. Boa Vista e São Luís apresentaram as maiores proporções de escolares que se declararam de cor parda (60,9% e 60,5%, respectivamente) (IBGE, 2009)

Com as oportunidades que são ofertadas para os indígenas, negros, o quadro de estudantes nas Universidades públicas está se modificando. Vemos, por exemplo, o caso da UFRGS que, historicamente atendeu quase 100% de alunos brancos e de classe média alta. Nos últimos quatro anos, com a oportunidade de ingressar pelo o sistema de cotas, percebeu-se que entre os ingressantes de cada ano, pelo menos 30% são de origem popular. E, também, nesse percentual, há a presença de muitos negros.

A professora Gládis anuncia com alegria e entusiasmo que

Este é um perfil que está se transformando, a política de cotas na Universidade está modificando isso finalmente. A minha primeira experiência na UFRGS foi em 1996 como professora substituta e a partir de 1997 já no início deste ano eu me torno professora efetiva, nomeada por concurso. Se eu tiver que comparar o número de alunos negros daquele período inicial, o número de alunos negros pós-políticas de cotas, a mudança graças aos céus é significativa. Está mudando sim o perfil do alunado do curso e da área onde eu atuo na área de ciências humanas e nos cursos de licenciaturas, nas demais áreas, nas demais carreiras da universidade, eu não sei se a política de cotas já tem atingido aos objetivos aos quais ela se propõe. Ela atingirá, talvez ainda não tenha ou ainda não se tem sido preenchido os números de alunos que se inscreveram pelas cotas. (Gládis)

Também em uma nota da Revista Veja publicada em agosto de 2012 demonstrou que

A presidente Dilma Rousseff sancionou nesta quarta-feira a Lei das Cotas, que reserva 50% das vagas de universidades federais a alunos oriundos de escolas públicas. A distribuição das 120.000 vagas a serem ocupadas dessa forma deverá observar ainda a cor da pele dos candidatos – sempre haverá, portanto, vagas reservadas a negros, pardos e índios na proporção dessas populações em cada estado. Metade dessas cotas é voltada a estudantes de famílias de baixa renda. Aprovada no Senado no dia 7 de agosto, a lei foi sancionada sem alterações importantes. Dilma vetou apenas o 2º artigo, que determinava a seleção de alunos do sistema público por meio de um Coeficiente de Rendimento (CR), ou seja, a média de suas notas no ensino médio. Com o veto, passa a ser usado o desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O sistema de cotas na UFRGS iniciou-se no ano de 2008, dando assim oportunidade para alunos egressos do sistema público de ensino, para negros e indígenas, ou seja, alunos de classes populares que estavam até então fora da universidade. Se a UFRGS não tivesse aderido ao sistema de cotas, a realidade seria totalmente diferente, prevalecendo a ausência de alunos de classes populares, negros e indígenas.

Como aparece na fala da professora Gládis, o número de negros na universidade em uma turma de 120 alunos, onde apenas 8 são negros, a representatividade de alunos negros por ano seria apenas de 6%.

Quando ingressei na Universidade [...] Nos éramos entre 120 alunos que ingressavam no curso de letras no total entre licenciatura e bacharelado eram cursos diferentes que tinha seminários separados. Nós somávamos no total de 8 negros entre homens e mulheres.(Gládis)

Atualmente no Brasil, crianças e adolescentes negros apresentam os menores índices de alfabetização em relação às crianças e adolescentes brancos

Apesar da redução das taxas de analfabetismo no Brasil, ainda persistem grandes diferenças entre a taxa de alfabetização de negros (pretos e pardos) e brancos, segundo novos dados do Censo 2010, divulgados nesta quarta-feira pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Segundo os dados, a taxa de analfabetismo entre pessoas pretas ou pardas de 15 ou mais anos de idade era de 14,4% e 13,0%, respectivamente, contra 5,9% dos brancos.(UNEFROBRASIL, 2011)

As taxas de evasão são bastante elevadas entre os alunos negros nas escolas públicas, que se encontram nos grupos de mais baixa renda e possuem as piores condições de vida. A questão da discriminação na sala de aula é um dos principais fatores para a evasão. A escola está ligada às questões de evasão

escolar, pois direta ou indiretamente suas ações contribuem ou, não reprime atos de discriminação. Assim concordo com Moreira (1997), no que se refere aos problemas ligados à discriminação e ao racismo.

A reprodução do racismo na escola é um dos temas mais relevantes da agenda dos movimentos sociais negros, em todo o país. Não sem razão, evidentemente. Por trás das altas taxas de infrequência, repetência e evasão escolar verificadas entre as crianças negras, existe um denominador comum: a estigmatização e a desqualificação delas em razão do racismo (MOREIRA, 1997, p.102)

A sociedade brasileira é racista e preconceituosa, embora se perceba que esta realidade esta mudando, o problema do racismo precisa ser mais pesquisado, investigado e problematizado para que possibilidades sejam criadas no que diz respeito ao processo de construção de identidade racial. Se ausência desse debate prevalecer, principalmente no âmbito escolar, a falta de conscientização contribuirá ainda mais para a permanência do racismo.

No entanto se forem trabalhadas em sala de aula temáticas que valorizem a cultura negra é possível que esta realidade mude. A autoestima do povo negro mudará com ações que positivem os sujeitos negros e a realidade deste quadro será diferente. Pois como firma Munanga (2004)

As propostas de combate ao racismo não estão mais no abandono ou na erradicação da raça, que é apenas um conceito e não uma realidade, nem no uso dos léxicos cômodos como os de “etnia”, de “identidade” ou de “diversidade cultural”, pois o racismo é uma ideologia capaz de parasitar em todos os conceitos. (MUNANGA 2004, p.53)

Neste sentido, Leal Paré (2007) nos mostra que

A proposta de identificação da autoestima do aluno negro vinculado ao seu desempenho escolar extrapola para outras dimensões, concretizando-se nas essências detectadas das entrevistas dos alunos negros sujeitos deste trabalho, reafirmando a situação de preconceito vivenciada no âmbito escolar e a ignorância docente para tratar do problema. Os sentimentos e o mundo vivido por essas crianças dão subsídios à instituição escolar para o seu tendão de Aquiles e podem torná-la mais competente no desenvolvimento afetivo e da identidade, no planejamento de um currículo no qual esteja presente o esquema de pensamento de origem africana libertando-se do processo eugênico impingido à sociedade brasileira e existente na educação. (LEAL PARÉ, 2007, p.1)

Palavras como estas, de Leal Paré, reforçam a ideia de que o currículo escolar precisa ser reformulado para que os alunos negros não sofram mais discriminações. Nesta mesma linha Lima (2006) enfatiza que

A cultura do racismo introjeta, desde muito cedo nas crianças um sentimento de inferioridade, tanto estético quanto intelectual, motivando-as a rejeitarem as próprias características, tanto em si, quanto nos de sua etnia. É por isso que antes de tudo, os afro brasileiros(as), precisam

vivenciar diversos aspectos étnico raciais , nas diferentes vivências e referências ancestrais. (LIMA. 2006p. 132)

A partir disso, podemos pensar em novas estratégias para que hajam trabalhos escolares que foquem as intervenções pedagógicas voltadas para questões étnico raciais, para que todos possam reconhecer que a educação pode ser soluções para as questões de discriminação, pois ela ocupa lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre todos que passam pela escola.

Nesse contexto, o debate sobre o direito à cidadania pode ser o principal componente no processo de construção da igualdade social e para a diminuição da discriminação e segregação racial: uma igualdade para todos na sua diversidade, baseada no reconhecimento e no respeito às diferenças.

4.4 Discriminação no emprego/ baixa remuneração

Como afirmei acima, para que os casos de discriminação diminuam, é importante mudar a realidade do racismo na escola. Neste sentido Lima (2010) nos traz a ideia que

[...] na perspectiva do alcance de um mundo mais humanizado e com menor desigualdade e exploração faz-se necessário atentar para um processo de aquisição de conhecimento e formação de atitude respeitosa de conhecimento e participação e contribuição dos afro-brasileiros na sociedade brasileira, o que requer que o preconceito e a discriminação, contra o grupo sejam abolidos, que o sentimento de superioridade e de inferioridade seja superado, que novas formas de pessoas negras e não negras se relacionarem sejam estabelecidas. Para o entendimento gênese histórica dessas desigualdades, o que passa pelo conhecimento da constituição histórica das relações étnico-raciais no Brasil. (LIMA, 2010, p.117)

Por força do preconceito racial e social, os milhares de descendentes de negros e escravos têm vivenciado, ao longo dos anos, todo tipo de conflito na sociedade brasileira, fato que torna difícil para o educador negro trabalhar nas escolas. Percebe-se também nas falas dos professores entrevistados que, ao procurar um emprego, mesmo quando se é qualificado, parece que as habilidades que o sujeito apresenta não são valorizadas, pois as portas são fechadas, por causa da tonalidade da pele. Percebe-se novamente que é questão étnico-racial é um critério avaliativo na hora da contratação.

Destacam-se nas falas da Professora Gládis alguns apontamentos sobre a questão do emprego e da remuneração de professores negros. É significativo ressaltar ainda na Educação Infantil a realidade dos professores negros se diferencia. O fato de um número significativo de docentes negros atuando na com as turmas de crianças nas quais a faixa etária varia entre 0 e 5 anos, talvez se explique por que ainda recebem os piores salários e seu ambiente de trabalho às vezes é desmotivador. A professora Gládis constatou que

Na Educação infantil, nas escolas de ensino público a representatividade de professores negros é equilibrada. A educação Infantil se estende da creche à pré-escola tem o berçário, o maternal que compreende a educação de 0 a 3 anos no caso das creches, e a pré-escola é de 4 a 5 anos. A questão é que, estes professores no geral estão ocupando os cargos de atendentes, monitores, auxiliares porque não são aprovados nos concursos públicos para professore ou não são contratados para o cargo de professores. Mas no caso, no trabalho com crianças de 0 a 3 anos a presença de professores/as negros/as, sobretudo no ensino público é muito grande, na verdade são quase a maioria. Não é a toa que pelo o que me parece que é justamente neste período de 0 a 3 anos que são pagos os piores salários e onde encontramos as piores condições de trabalho. Acredito que esta situação deixa bem claro que o professor da área da educação, principalmente o professor negro encontra muito racismo no mercado de trabalho e isso dificulta para conseguir um emprego. Se você for às turmas entre berçário e maternal há professores negros. O número é bastante grande. (Gládis)

Por outro Aldo, torna-se até constrangedor mencionar que um professor é discriminado em sala de aula pelos seus alunos. Percebe-se na fala da professora Cecília que, talvez exista algum tipo de preconceito nas escolas de rede privadas na hora de contratar um professor negro, levando em consideração que quase 100% de seus alunos são brancos.

No que diz respeito ao emprego e a discriminação, a professora Cecília enfatizou com muito sentimento o que havia presenciado.

Ressalto também que, no turno em que trabalhava, eu era a única professora negra. Essa evidência confirma a desigualdade presente à sociedade brasileira, vivenciada, sobretudo, pela população negra ao tentar inserir-se no mercado de trabalho. [...] De repente existe certo preconceito na hora de empregarem os professores negros nas escolas de redes privadas, uma vez que o número de alunos que frequentam as escolas privadas é predominantemente branco. (Cecília)

Ainda na opinião da professora Cecília para que um professor negro “consiga” um emprego é necessário que, primeiramente, se destacar nas entrevistas.

É nessas entrevistas nós temos que nos dar bem, temos que nos destacar, pois em muitas vezes não adianta nem se destacar, se as pessoas que forem nos entrevistar acharem que a gente não se enquadra no perfil da vaga. [...] (Cecília)

A professora Gládis trouxe algumas informações, que mostra uma realidade ainda pouco questionada:

Não há a menor dúvida, eu tenho 25 anos de Magistério, acompanho fortemente o ensino e posso dizer, sem sombra de dúvida e isso tem nas estatísticas, se nos formos ver nos dados do SINEP, do SINPRO e formos no fazer um recenseamento racial nos professores de ensino privado no Rio Grande do Sul, nós vamos ver o critério racial prevalece no momento da contratação. (Gládis)

A professora Denise, traz a ideia, que não foge da realidade do povo negro; para ser “bem aceito” é necessário que o professor negro se destaque nas atividades que for fazer, como no seu caso, passar em primeiro lugar em um concurso público.

[...] fiz concurso para ser professora e passei em primeiro lugar, isso para mim é muito importante, pois em um universo onde tinha um grupo de sete outras psicólogas concorrendo e eu a única negra consegui passar em primeiro lugar. (Denise)

O pensar de ter refletido sobre as falas apresentadas acima, ainda me fiz as seguintes perguntas: se invertêssemos os papéis e na maioria das escolas estivessem só professores negros, e alunos negros, será que o professor não negro seria discriminado? Ou ainda, se a quantidade de alunos brancos e negros nas escolas fosse mais equilibrada, existiria racismo? E se não fossem negros, nem brancos? Seria uma mesclagem de raças? O que aconteceria?

Munanga (2008) enfatiza que a elite brasileira está preocupada com a construção de uma unidade nacional, ameaçada pela pluralidade étnico-racial. A mistura de negros/brancos que resultaria numa mestiçagem, era uma ponte para o destino final, como uma “cura” das peles negras, como uma “limpeza” de raças via branqueamento do povo brasileiro. Neste sentido pode-se pensar que, apesar do fracasso deste processo de branqueamento, é unicamente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição, procura identificar-se como “branco”, assim diluindo suas características raciais. Lima (2008) aponta que a

A mestiçagem é outro conceito-realidade que faz parte das relações étnicas no Brasil. É apresentada como embranquecimento e constitui-se e tem sido historicamente usada como mais um dos mecanismos que vão contra a construção de uma identidade negra brasileira, ao mesmo tempo em que se constitui em mecanismo estratégico que ajuda, em nível individual, na ascensão de negros e mestiços na sociedade brasileira. (LIMA, 2008,p.36)

Desta forma pode-se afirmar que o branqueamento da população negra surge como resposta aos problemas brasileiros, ou seja, com as misturas de “raças” pode-se fazer com que a classe dominante no Brasil continue sendo branca, e aos pertencentes da tonalidade de pele mais escuras, continuaram pertencendo os trabalhos braçais que possuem as piores remunerações, ao comparar com os outros profissionais os “não negros”.

4.5 Como assumem a consciência Negra?

Como pesquisadora negra, retomo um dos momentos vivenciados por mim, na adolescência, pois por ser valorizada por estudar e me esforçar nas disciplinas escolares, iniciei a construção da minha identidade racial fortalecendo-me como discente e futura docente. Comecei a perceber que o fato de ser negra me tornava diferente num ambiente em que predominava a presença de brancos. Percebi que eu deveria me dedicar para não ficar para trás, para que não fosse desvalorizada, discriminada.

A experiência vivenciada me fez perceber que, na maioria das vezes, para ser aceito, o negro precisa ser “igual” aos brancos ou “agir” como eles (pensam que agem): tendo notas boas, sendo bem aceito, querido, agradável, inteligente. A construção da minha identidade se deu em cada etapa da minha educação e claro junto com a minha família.

Algumas pessoas assumem mais cedo sua identidade como negro, outras demoram um pouco mais. Sendo assim, alguns se reconhecem, se orgulham, assumem seu pertencimento e origem negra. Construir e assumir a identidade negra na sociedade brasileira não é fácil, uma vez que existe uma auto-atribuição de uma categoria étnica racial, prevalecendo uma hierarquia que ordena socialmente as cores. No qual ao topo se encontram os indivíduos da cor “branca”, no meio, a “parda” e, na base, a “negra”. O processo civilizador, ao longo da história do Brasil, veio revelando e impondo uma condição de inferioridade para a população negra e esse fato vem influenciando a vida das pessoas. Cabendo assim para os cidadãos negros, juntamente com a escola, mudarem e modificarem essas construções identitárias.

Apontamos possibilidades de intervenções nesse processo civilizador, transformando e levando para as salas de aulas, como para toda a sociedade,

políticas educacionais que estejam direcionadas a uma prática que contemple o direito das pessoas a partir das diferenças reveladas por sua identidade.

Nós negros e negras, estamos em busca de superação das desigualdades raciais, através da ocupação de espaços em que possamos nós expressar, que possamos frequentar sem sermos julgados, observados. Queremos ser quem somos! Sem olhares de discriminação, sem rejeição, queremos mais políticas públicas e ações afirmativas.

O que a sociedade negra precisa e de repente o que quer, é ver cada cidadão negro se orgulhando de dizer “EU SOU NEGRO/A” e que se identifiquem quando tocarem nos aspectos que marcaram a nossa história.

Para se aceitar como negro, primeiro é preciso se identificar com as marcas que tem na sua pele.

Às vezes esta identificação surge no início de infância, outras vezes quando encontramos um sentido maior para a nossa negritude, como aconteceu com o professor Antônio.

Ao tornar-me professor, deixei minha negritude aflorar na pele, usava cabelo Black Power e usava roupas características de cantores de rock negros, eu era aceito por meus alunos. Um acontecimento que marcou minha vida, e valorizou minha negritude, foi um coral que fundei em uma Escola Estadual que trabalhei durante 25 anos. E os outros grupos musicais que formei durante a minha caminhada docente. (Antônio)

Para a professora Denise assumir sua consciência negra também veio mais tarde

Na verdade a questão da negritude e de raça apareceu mais tarde na minha vida. Eu estava em uma escola Jesuíta e depois ingressei em uma Universidade da PUC em um universo completamente branco e eu não tinha colegas nem professores negros.[...] Eu ainda não tinha acesso a essas questões da negritude, o que aconteceu foi que eu me encantei pelas questões sociais, pela psicologia social, eu me lembro de que eu tinha uma professora que hoje trabalho no Ministério de crianças e adolescentes, e ela sempre trabalhou na frente da psicologia social então eu me encantei para um universo que eu não sabia o quanto era meu eu me reconheci de alguma maneira e comecei um processo de construção identitária bem legal. Eu não sabia que eu iria lidar com raça, mas eu comecei a me aproximar de coisas onde a raça negra se incluía, relações sobre a pobreza, excluídos, discriminação racial...(Denise)

Quando nos referimos as questões étnicos raciais, para uma pessoa negra não importa quando o sentimento de pertencimento racial aparece, pois pode-se perceber, que mais cedo ou mais tarde ele irá aflorar na pele. Seja por necessidades

peçoais ou quando encontramos “irmãos” de cor em condições desfavoráveis e que possamos ajudar. Quando enxergamos o outro como “nos enxergamos” em situação de discriminação, só que uma maneira mais acentuada e podemos fazer algo para mudar a realidade nos identificamos cada vez mais com a nossa origem. E vemos com o passar do tempo que o reconhecimento de nossas origens quando é valorizado, não ajuda só uma pessoa, mas sim a sociedade que nela está inserida.

4.6 O papel da família e da escola na construção da identidade da criança negra

Contudo, construir uma identidade negra numa sociedade em que a classe dominante é predominantemente branca não tem sido uma tarefa fácil. Destaco primeiro o papel da família e da escola: a família, por ser o meio de contato mais próximo do indivíduo com o mundo, com suas origens, e a escola, por ser um lugar formal que serve como um “veículo” para aquisição do conhecimento, da cultura, do respeito, das identidades, enfim de todos os saberes. Algumas dificuldades são encontradas para a construção da identidade negra, principalmente para a criança, pois na escola se tem um tratamento diferenciado do que se tem em casa. Em geral, para preservarem seus filhos, as mães cuidam de suas aparências, para que eles não sofram discriminação na escola: cuidam da sua roupa, do cabelo, de seus materiais escolares.

As crianças negras pensam que serão tratadas na escola com o mesmo carinho que são tratadas em casa, mas, se deparam com realidades completamente diferentes. Claro que esse apoio familiar constrói uma base sólida para enfrentar as discriminações. No entanto, o que chama mais atenção de uma criança negra na escola é o seu tom de pele e o tipo do seu cabelo, e aí começam os apelidos, tais como; cabelo de bombril, picolé de pinche, esfregão de aço, macaco, gorila. Ou às vezes até perguntas inocentes como o porquê do tom da pele ser tão escuro, e voltam para as piadas sem graça: quando você nasceu caiu em uma panela de feijão, ou ainda, você ficou muito tempo no forno.

Como é comum nas escolas sempre há alguns alunos que são considerados fora dos padrões de “beleza, inteligência” e em muitas vezes são socialmente excluídos no meio escolar, deixados de lado, esquecidos, em face de um pensamento conservador, ficam estereotipados, segregados do convívio com os ditos “bonitos, inteligentes”.

Muitas vezes as crianças negras ficam constrangidas e se sentem reprimidas na sala de aula e, como consequência, não querem mais retornar à escola. Isso se dá em por causa do tratamento que o ambiente escolar, e pela falta de intervenções por parte da professora ou da equipe diretiva da escola e também por intermédios das práticas racistas que são exercidas sobre elas.

Confesso que isso já aconteceu comigo, e acredito que acontece com muitas crianças negras espalhadas nas escolas. Para que não aconteça é necessário que as mesmas se destaquem nos conteúdos escolares, para que possam ser aceitas por seus colegas e em muitas vezes pelos próprios professores. Também é interessante que a criança possa ter um acompanhamento por uma psicóloga ou pedagoga, que a deixe um tempo fora de ambientes discriminadores, trabalhando com os aspectos que relevem sua autoestima.

Em algumas sociedades como a nossa, ser negro, representou ao longo dos tempos, e sem dúvida, ainda representa, uma condição de submissão, de dependência e de carência de direitos e desempenho de funções sociais.

Ainda no que se refere a questões de beleza, podemos acrescentar a questão dos padrões estéticos que classificam o branco como símbolo da beleza, e o negro como “exótico, feio”. Em relação à sua própria identidade, alguns manifestaram, ainda que inconscientemente, algumas situações que evidenciaram a existência de processos que contribuem para a constituição de sua identidade negra. Por isso é oportuno estimular as crianças a estudar, compreenderem a situação social que cria e alimenta o racismo, privilegiá-las com as histórias de seus antepassados.

Pode-se perceber que de uma maneira geral nas escolas as crianças negras não têm sua identidade racial promovida, ou seja, há uma ausência da construção da identidade. Existem famílias que fazem a promoção e o estímulo da identidade, mas isso é raro, as questões identitárias precisam ser iniciadas em casa e precisam ter continuidade na escola.

As identidades, apesar de serem distintas e de estarem interpenetradas começam a ser construídas na infância, em determinados momentos, lugares ou situações são manifestadas, enquanto característica dos sujeitos (fenótipos) e outros aspectos culturais: individual, político, étnico, social, cultural, etc; são o que constituem o indivíduo de uma forma geral.

Munanga 2003 nos traz a ideia que:

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc. com os quais ele mantém relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática. Todos nós, homens e mulheres somos feitos de diversidade. Esta, embora esconda também a semelhança, é geralmente traduzida em diferenças de raças, de culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade, etc. (MUNANGA. 2003, p.4)

No meio familiar, a construção desses conceitos é importante para as crianças, uma vez que tudo que elas aprendem nesse ambiente se refletirá positiva ou negativamente nas suas vidas, no ambiente escolar, no meio social. No decorrer da construção da identidade e de conceitos e estímulos que se ligam diretamente a elas, deve-se considerar também a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a vivência dos educandos com seus alunos negros e não negros. Para que as crianças possam por meio das aprendizagens escolares, dividir conhecimentos de respeito e que possam entrecruzar suas experiências vivenciadas em casa com a vida escolar.

As oportunidades e incentivos oferecidos no ambiente familiar e na escola permitem um maior contato afetivo e social, devido às experiências vivenciadas nestes lugares. De acordo com Hickmann essas aproximações significam

[...] uma articulação entre o ambiente físico e social e o processo de construção das múltiplas identidades que nos constituem ao longo da trajetória de vida (pessoal, social, cultural). Significa refletir sobre a possibilidade de se proporcionar às crianças oportunidades de interação com outros indivíduos, que as levem à independência, à cooperação e à colaboração voluntária e não à competitividade, concorrência e individualismo, ao perceberem que os outros, com os quais convivem, também têm sentimentos, opiniões e direitos (HICKMANN, 2002, p. 9-10).

A professora Gládis também contribui com suas opiniões

O negro está centrado em uma cultura racista e é preciso que ele seja educado em uma cultura antirracista. E se isso não acontecer a situação do racismo vai piorar. Acho que a gente tem ajudar na formação pedagógica destes alunos. Eu não sou pedagoga, mas trabalho na formação de professores e acho que a este processo precisa ter uma ação sócio-educativa. (Gládis)

A identidade negra e sua (re)construção positiva se dá principalmente quando um sujeito se depara com outras pessoas que os reconhecem como pertencentes da mesma raça. A valorização do negro na sociedade apresenta algumas categorias que se destacam nos discursos e nas discussões a seu respeito: cor, raça e etnia. Lima (2010) nos traz a ideia que

Para a maioria ser negro está relacionado ao fenótipo, (traços físicos), e especialmente a pele escura, ter pele preta, ou parentesco próximo de pele preta. Também aparece de forma marcante como característica identitária (ser ascendente de africano) e, em menor representatividade viver a cultura negra. (LIMA, 2010, p.119)

Para algumas pessoas não negras, ser negro se resume em ter pele escura e “cabelo carapinho”, para quem é negro e assume sua identidade, a realidade é diferente: é apreciar a tonalidade da pele, o jeito do cabelo e outros aspectos que afloram na pele a negritude. É também sentir-se feliz ao ser reconhecido por pessoas que possuem a mesma marca.

A professora Bianca relatou com muita alegria uma de suas passagens escolares como docente

No primeiro dia de aula, cheguei onde os alunos haviam formado a fila para levá-los para a sala de aula. Neste momento ocorreu uma situação que chamou a minha atenção, tinha a mãe de um menino que ficou me observando, e percebi que ela foi ao ouvido do filho para cochichar e como eu estava perto consegui ouvi o que ela dizia, e ela falou o seguinte: olha meu filho, a tua professora também é negra. Isto foi umas das coisas que mais me marcou nos sete anos de trabalho por que naquele momento eu fiquei pensando o seguinte: o que aquela mulher já deve ter passado para chegar ao ouvido do seu filho de sete anos de idade e falar com tanto entusiasmo que a professora dele era negra?... Este foi um acontecimento que me marcou muito. (Bianca)

Falas como essa nos deixam sensibilizados, ainda mais sabendo que no Brasil esta aumentando cada vez mais o número de brasileiros que se identificam como pretos.

Os dados do IBGE de 2012 mostram que o número de brasileiros que se auto declaram negros está aumentando e estão espalhados por todo o território brasileiro, embora a maior proporcionalidade esteja no Nordeste. No que diz respeito à população de negros por Estados é correto afirmar que a população de pardos, por exemplo, é mais comum no Nordeste e no Norte (com destaque para o Pará, com 69,5% de pardos), enquanto os pretos estão mais presentes nos Estados da região Nordeste, principalmente na Bahia, onde 17,1% se autodeclararam pretos (2,4 milhões de pessoas).

4.7 O conhecimento de nossas origens

O conhecimento das nossas origens podem influenciar diretamente na nossa autoestima, e isso refletirá em nossas vidas, pois como sujeitos negros teremos a consciência e o conhecimento da nossa própria identidade. No caso de muitos

negros e negras que se encontram em constante conflito com a identidade, oscilando entre o ser real estigmatizado e rejeitado (negro) e o socialmente valorizado e intocável (branco), as representações sobre si e seu grupo étnico-racial tendem a ser inferiorizados.

Pessoas com a autoimagem e a autoestima diminuída tendem a perpetuar essa visão de diminuição quando vão constituir suas famílias, criar seus filhos... Quando se nasce em uma família que já se sente inferior por ser negra, será criado com uma mentalidade que é inferior. [...] A ruptura desta auto imagem desta auto estima negativa ela exige um processo educativo muito grande que tem que acontecer na escola e não vem acontecendo, as escolas não educam para que os negros se sintam valorizados(Gládis)

Para que o quadro de interiorização mude e haja novas alternativas para o sujeito negro é necessário que o reconhecimento da sua origem seja feito primeiramente em casa, que seja uma etapa de construção identitária passada de pais para filhos. Como já foi dito nas páginas anteriores, é evidente a necessidade do estudo da cultura afro-brasileira e africana nas salas de aula.

Desta forma, é possível compreender a importância da educação, não só no ambiente familiar, mas também na escola, no processo de construção da identidade da pessoa negra e das tantas minorias muitas vezes esquecidas. É importante que a escola assuma uma função social inclusiva, assim poderá contribuir com a construção da identidade dos seus educandos pertencentes à população negra. Só assim as diferenças étnico-raciais inferiorizadoras serão deixadas de lado e os afro-descendentes serão mais valorizados.

A conscientização e o conhecimento da história da construção do nosso país, da nossa cidade, possibilita ao aluno inserir-se no processo histórico; reconhecer cada detalhe que faz parte da construção da nossa cultura permite também o conhecimento e a consciência que todos somos capazes de mudar no nosso próprio rumo, com base no respeito ao próximo. A conscientização acontece principalmente quando se ultrapassa a simples apreensão do fato, quando se tem o conhecimento que tudo o que venho antes e do que já existe, para que tudo possa ser analisado de forma crítica e sábia.

Ensinando fatos históricos, que fazem parte da nossa própria trajetória, o professor possibilita aos alunos a oportunidade de elaborar seu pensamento, aprofundar a compreensão, apresentando ações que respeitem seu próximo. O conhecimento das origens negras é pouco abordado nas escolas. Se essa realidade mudar, a educação brasileira dará um grande salto em relação à diminuição das

discriminações étnico-raciais, pois acredito que com tais conhecimentos a exclusão racial será diminuída ou com muita sorte excluída da realidade brasileira.

A professora Gládis nos traz a consciência que

[...] Esta educação teria que acontecer nas famílias, se a família não tem isso, como ela rompe com essa ausência, como ela constrói de um modo diferente? ... Parece que as famílias negras deveriam receber uma educação antirracismo e não recebe! Isso quer dizer que a gente tem um longo percurso para chegar de fato a ser um país não racista, um longo percurso que para mim é educativo de um modo mais amplo, não é só a educação escolar, acho que a educação que se dá fora do espaço escolar é fundamental e sobre tudo é um processo educacional que precisa atingir negros e não negros. Educar só o branco para que ele não seja racista não é o suficiente para acabar com o racismo. (Gládis)

Neste contexto de conhecimento de nossas origens, quando aprendidas em casa e reforçada na escola, a criança negra poderá reproduzir discursos que valorizem a cultura e a matriz africana e assim aceitará, valorizará e interiorizará os seus aspectos físicos e culturais herdados de seus antepassados.

A reflexão, a conscientização a respeito à cultura afro-brasileira também pode acontecer por meio do diálogo, o qual o professor poderá fazer uso constante para reforçar na sala de aula que as diferenças são necessárias para um bom convívio em sociedade. As diferenças existem, pois, na realidade ninguém é igual, e se fosse, não teria graça viver em um país onde tudo fosse igual, onde as pessoas tem o mesmo pensamento, usam as mesmas roupas, tem os mesmos estilos musicais...

É por meio do diálogo que o professor vai fazer com que o aluno conheça as realidades que antes eram desconhecidas por ele, pois ele aprenderá “caminhar” em meio a dificuldades encontradas na sala de aula e fora dela, desenvolvendo estratégias para lidar com situações de discriminação, enfrentá-las, ajudando a diminuí-las. Para isso, também é necessário que o professor dê espaço para que seus alunos se manifestem em sala de aula, digam o que pensam, o que sente em frente às situações que podem ser em algumas vezes (des)motivadoras, no sentido de reconhecimento racial.

Destaco mais uma fala da professora Gládis, que evidencia a importância da família na construção identitária, principalmente no que se refere aos valores culturais:

Eu venho de uma família negra, onde a negritude sempre foi posta como valor, como algo positivo, como algo merecedor digno de orgulho. Também acho que é fundamental que além desta posição familiar, as narrativas de origem da minha família, elas sempre foram contadas, sempre houve a preocupação dos meus pais de contarem as histórias dos meus avós, bisavós, tataravós, tetravós, ou seja, eu acho que eu sou uma das poucas negras do

Brasil que sabe de qual região vieram os meus antepassados, que tem artefatos trazidos por eles, que sabe falar às palavras que eles usavam, que conheça o linguajar em casa que eles usavam para se comunicar que saiba enfim os costumes religiosos as maneiras de pensar, as vestimentas[...] Isso é muito raro, é raro que o negro tenha essa noção de pertencimento histórico, essa noção de origem que seja dado como um presente, como um valor, como algo positivo que se deve preservar. Isso foi marcante para a minha postura. Pois eu sempre sofri preconceito, sempre sofri discriminação na escola. Mas o preconceito e a discriminação nunca fizeram com que eu tivesse a minha autoimagem, a minha autoestima deslocada. Eu sempre tive a minha autoimagem e uma boa auto estima e isso vem desta visão positiva que a minha família tem de si mesmo... Isso é marcante! Na medida em que nem todo o negro tem uma trajetória familiar que o coloque, que o faça se sentir positivado, valorizado sua vida a aceitação das suas origens permitirá que ele possa enfrentar as situações de discriminação que ao longo do tempo vão aparecendo nas suas vidas. (Gládis)

Em frente às realidades de cada indivíduo é importante ressaltar que a identidade pode ser construída e sustentada de uma maneira positiva ou negativa e isso dependerá das informações que cada sujeito receberá sobre suas origens, das vivências e experiências educativas, pois os processos de formação humana não acontecem em abstrato. Este processo é construído enquanto sujeitos sociais e culturais diversos, incluídos em relação de classe, de raça. Concordo com Gomes (2003), quando explica que o processo de reconhecimento de negro como “negro” depende de diferentes fatores,

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolva inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados em sanções e afetividade no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2003. p.171).

Como já foi constatado nos capítulos anteriores, que cultura brasileira é racista é comum relacionar pessoas negras a coisas negativas, tais definições tendem a consolidar a discriminação, podendo provocar situações muitas desagradáveis para os negros. Mas essa situação poderá mudar se forem feitas ações afirmativas que instruem, tanto às famílias, como as escolas, nesta construção de identidade das comunidades negras. É importante que tenhamos conhecimento sobre nossos ancestrais, pois quando conhecemos melhor o passado entendemos melhor o presente e assim poderemos, inclusive, transformar o futuro.

Assumir uma condição em algumas vezes pode ser desgastante e uma situação de enfrentamento constante pode levar a “negação” de sua identidade, até

como forma de auto defesa. Diante das manifestações racistas, direta e indiretamente pode levar o professor a negar sua formação, lidar com os entraves que prejudicam a construção de sua identidade racial se revela em situações bastante complexas. Muitas vezes até para ter reconhecimento e autoridade na sala de aula.

O professor negro, até mesmo por passar por algumas situações de discriminação, aprende a lidar com essas situações tornando-se um profissional capaz de entender os momentos de preconceito que os alunos negros passam. Cabe também a esse profissional tratar do tema teoricamente as relações étnico-raciais na sala de aula. Neste sentido concordo com Santana (2004)

Os estudos sobre professores negros juntamente com outros sobre relações raciais educação, destacam a importância do professor como agente fundamental no processo de desconstrução do racismo. Nestes estudos, a responsabilidade dos educadores frente à construção de um currículo que contemple a diversidade é considerada imprescindível para a mudança de postura em relação ao alunado negro. É destacada, também, a importância da efetivação de políticas de formação a fim de capacitar esses profissionais para essa tarefa (SANTANA, 2004: p. 41).

Nos depoimentos dos professores que constituem essa pesquisa, também aparece essa preocupação, que diz respeito ao protagonismo dos docentes, principalmente negros, que, como já disse anteriormente, em geral precisam de um esforço maior para obterem reconhecimento:

Eu acho que o professor negro, ele necessita percorrer um caminho mais longo para ser respeitado do ponto de vista profissional, é necessário transformar este tempo de atuação, é necessário que ele demonstre uma maior competência, tenha uma maior produtividade para que ele comece a ser visto como alguém que está no lugar legítimo e alguém que tem pedagogicamente autoridade para estar onde está. Isso se evidencia nos processos avaliativos, dificilmente um educador negro não precisará estar muito convicto dos seus processos avaliativos e, sobretudo dos instrumentos avaliativos que usa para a atribuição de notas, ou conceitos dos seus alunos para que ele não venha a enfrentar questionamentos ou dificuldades. A avaliação de um professor negro ela vai ser sempre colocada em suspenso, é necessário que ele demonstre muita competência, que ele tenha um razoável tempo de serviço para que esta avaliação não seja tão questionada. Então o que eu te diria é que a autoridade do professor negro se constrói ao longo do tempo enquanto autoridade no sentido de legitimidade do professor branco se dá de imediato. O professor negro precisa conquistar a sua autoridade. A autoridade de um professor branco é delegada a ocupar a posição do professor desde o primeiro instante que ele pisa na sala de aula, ele já ocupa o seu lugar de autoridade, o professor negro precisa conquistar essa autoridade, ela não é imediata. E sem dúvida por não ser imediato é pela raça, não pela competência ou pelo mérito. (Gládis)

A narrativa acima nos leva a pensar que, em primeiro lugar o professor negro precisa se valorizar para que seja valorizado, entender os processos que

permearam a própria trajetória para consolidar e constituir sua identidade profissional, desmistificando o entendimento de que a identidade profissional é construída apenas nos cursos de formação.

A relação entre a trajetória escolar de cada professor para a construção de sua identidade como docentes negros pressupõe opções teóricas que possam vislumbrar a constituição de novas perspectivas relativas à construção do conhecimento de suas origens, de suas raízes, possibilitando a inserção do negro na sociedade de forma merecedora e respeitosa. O que pode ser pensado, modificado e feito a partir desta indagação para que se construa e reconstrua a identidade dessas pessoas é a maneira com que a sociedade de maneira geral as “enxerga”, pois muitas pessoas ainda fazem a associação dos negros, com a época da escravidão.

5 PARA CONCLUIR: SENSIBILIZANDO O OLHAR PARA A NEGRITUDE

Penso que para que possamos ter melhores resultados em relação a esse tema é importante que sejam elaborados trabalhos coletivos e organizados por diversos setores da sociedade, e principalmente pelos próprios sujeitos envolvidos. São primordiais as políticas educacionais para contribuir nesse processo, cujo objetivo principal seja a valorização e respeito às diferenças sociais de todas as pessoas da sociedade brasileira, sem distinção étnico-raciais ou de gêneros, pois ser respeitado é um direito de todos.

Com certeza, há urgência em preparar educadores negros aptos a enfrentar os desafios colocados por uma sociedade que ainda não conseguiu superar completamente o racismo. Ser professor nestas circunstâncias significa ter um grande comprometimento com a construção de valores, levando em consideração a realidade vivida. E para mudar essa realidade ainda será preciso formar o professor restaurando-lhe o seu “ser docente”, reforçando sua identidade como negro, entrecruzando-a com o seu “fazer docente”.

Neste sentido concordo com Nilma Lino Gomes

É nesse contexto histórico, político, social e cultural que os negros (e as negras) brasileiros constroem sua identidade e, entre ela, a identidade negra. Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa torna-se ainda mais complexa, uma vez que se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social. (GOMES, 2011. p.2)

Acredito nas possibilidades de transformação desta realidade, a partir dos espaços alcançados pela população negra, principalmente através da educação. O orgulho de sua identidade e pertencimento a sociedade, entre outros, para que se efetive o processo de desconstrução do racismo étnico cultural. Para a formação de um profissional competente e realizado é necessário também que existam boas condições salariais, novas políticas sociais e culturais.

É importante ressaltar neste momento que as dimensões políticas e técnicas estão se fortificando e transformando os elementos básicos na educação em novas ações norteadoras das propostas de ensino que visa à educação para as diferenças. As escolas atualmente necessitam de um professor comprometido com seu trabalho, que saiba se expressar, entender os alunos, respeitar os espaços e que seja capaz de visualizar os efeitos sociais no seu trabalho.

Este é o perfil do profissional ideal. E a escola, qual será seu papel? Se todas as qualidades que o professor precisa ter, mesmo tendo, muitas vezes não é reconhecido. E a valorização, conhecimento étnico racial, existe?

Muitas vezes alguns professores não têm nem mesmo a oportunidade de mostrarem suas competências. Quer saber o porquê? Tenho a consciência que já respondi ao longo do trabalho.

A elaboração deste trabalho também foi um exercício identitário, em primeiro lugar como estudante e também um grande passo no processo contínuo de crescimento como pessoa, professora e educadora. Estudar as trajetórias educacionais de professores negros de diferentes níveis de ensino ainda me permitiu refletir sobre as frustrações, os contentamentos e as dificuldades encontradas nas salas de aula. Por isso posso afirmar que os objetivos que tracei no início do trabalho foram alcançados.

Ainda, a análise dos dados coletados nessa pesquisa indica que o racismo é ingrediente básico das dinâmicas e relações interpessoais, de maneira geral entre a sociedade e o cidadão negro. Nas falas dos profissionais da educação, verifica-se a importância dos pais apoiarem e sustentarem a identidade negra de seus filhos. Pode-se constatar que o racismo ainda é ingrediente forte nas relações interpessoais, aparecendo em todas as trajetórias consideradas nessa pesquisa.

Foi evidenciado, no decorrer do trabalho que, de maneira geral, que as escolas têm trabalhado pouco com temas que abordem a história e a cultura negra e afro-brasileira. Também ficou notável que a quantidade de professores negros que atuam nas escolhas das redes públicas e privadas é inferior ao de professores não negros.

O estudo realizado mostra que a sociedade ainda está marcada por uma cultura racista. Uma vez que este quadro está se modificando, são necessárias novas estratégias, para que haja uma educação antirracista. Ainda, pelo o que foi constatado nos relatos dos professores, as crianças negras, de maneira geral, não têm sua identidade racial promovida, ou seja, há uma ausência da construção da identidade. Existem famílias que fazem a promoção e o estímulo da identidade, mas isso é raro. As questões identitárias precisam ser iniciadas em casa e precisam ter continuidade na escola.

Neste sentido, é importante que a escola valorize a história e a cultura da população negra e não aceite racismos e discriminações, apoiando ações

pedagógicas que afirmem a diversidade e promovam um relacionamento étnico racial positivo.

Por fim, pode-se concluir, com base nas as falas dos entrevistados que a principal causa do racismo e da discriminação nas escolas e nos demais setores da sociedade é a falta da execução das políticas que priorizam o estudo da cultura afro-brasileira nas escolas.

Para tanto, tentei enunciar estas constatações no decorrer do trabalho. Acredito que estratégias como: ações políticas contribuem para a diminuição do racismo na sociedade brasileira. Estou feliz com as cotas, pois elas garantem acesso às universidades, permitindo que negros, indígenas, e outros estudantes das classes populares tenham acesso ao conhecimento acadêmico. Torço para que a lei n 11.645/08 contribua significativamente para o estudo da história e cultura dos afrodescendentes, ajudando assim para a construção de novas ideias raciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, José Jorge de. **Revista Palmares**, Brasília, DF, n. 5, 2000.
- GODOY, Arlinda. S. Introduzindo a pesquisa qualitativa e suas possibilidades IN: Revista de administração de Empresas, V, 35, n.2, Mar./Abr.1995 a,p.57-63. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais In: de administração de Empresas, V, 35, n.3, Mai./Jun.1995, p.20-29.
- GOMES, Nilma Lino, Educação, identidade negra e formação de professore/as: **Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan/jun.2003.
- GOMES, Nilma Lino, **Cultura negra e educação**. Universidade Federal de Minas Gerais. Revista Brasileira de educação. Maio/jun/jul/ago. 2003. N. 23. p. 75-85.
- GOMES, Nilma Lino. **Professoras Negras: identidade e memória**. In: Educação em Revista, n:18/19,dez./jul.p.49-58,1993/94.
- GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. RBPAE – v.27, n.1, p. 1.13, jan./abr. 2011
- GONÇALVES. Luiz Alberto de Oliveira. **Negros e educação no Brasil**. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte. 2000, p.1-11.
- HIKMAN, Roseli Inês, org. **Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores/ Roseli Inês Rikman...[et.al]---** Porto Alegre:Mediação, 2002(cadernos educação básica,n8
- LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes.1995
- LEAL PARÉ, Marilene. Auto-imagem na criança negra. **Um olhar sobre seu desempenho escolar**. Síntese de Dissertação de Mestrado em Educação apresentada para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2007, p.1-11.
- LIMA, Maria Batista. Práticas Cotidianas e Identidades Étnicas: **Um Estudo no Contexto Escolar**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro Abril de 2006.
- LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: **Uma Reflexão Teórico-Metodológica**. Ano 2, Volume 3 – p. 33-46 – jan-jun de 2008.
- LIMA, Maria Batista. NERES, Ana Lucia de Oliveira Menezes. SANTOS, Roseli Alves dos. **Identidades Etnicorraciais e diversidade no cotidiano escolar**. p.111-117.Francisco Beltrão PR, 2010.
- LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: **abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, c1986. 99 p.
- MOREIRA, Diva. Racismo na escola. Presença Pedagógica, vol 3, nº 16, jul/ago,1997.
- MUNANGA, Kabenguele. **Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil**. In: BARROS, Graciete Maria Nascimento; ADÃO, Jorge Manuel, RAMOS, Marise Nogueira, (coords.). **Diversidade na Educação;**

reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Mídia e Tecnologia, 2003.

MUNANGA, Kabengele (Org.). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: **identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabenguele. **diversidade, etnicidade, identidade e cidadania.** Dossiê temático. Movimento, n 12, p.11-20. Setembro de 2005.

MUNANGA, Kabenguele. **Superando o racismo na escola.** –[Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. **Identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2008.

NASCIMENTO, Ferreira do Nascimento. **A Influência da cor/raça na trajetória educacional de professoras negras.** Universidade Federal da Bahia. p.1-11. Agosto, 2011.

RODRIGUES, Tatiane Consentino. **Movimento negro no cenário brasileiro: embates e contribuições à política educacional nas décadas de 1980-1990.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSCAR, São Carlos, 2005.

SANTANA, Patrícia. **Professor@s Negr@s: Trajetórias e Travessias.** Belo Horizonte: Mazza, p.1-154. 2004.

SILVA. Petrolina Beatriz Gonçalves e. **Negro e Educação.** In: Marcus Vinicius da Fonseca; Patrícia Maria de Sousa Santana e Eliane Botelho Junqueira; Julio Costa da Silva. **Presença do negro no sistema educacional brasileiro.** Pinto. Regina Pain (orgs). Ação Educativa, Anped, São Paulo. p 1-100,2001.

<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/dilma-sanciona-nova-lei-das-cotas-nas-federais> > acesso em: 25/11 às 17:30.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/comentarios.pdf> > acesso em 29/11 às 10:00.

<http://www.uneafrobrasil.org/?pg=noticia&id=203> > acesso 01/12.

APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE PEDAGOGIA
PROFESSORA ORIENTADORA: *Dr^a Maria Aparecida Bergamaschi*
Discente: Kátia Teresinha Centeno Prudencio
Cartão UFRGS: 171009

Roteiro para a entrevista dialogada:

“QUEM TRAZ NA PELE ESSA MARCA...”

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE PROFESSORES(AS) NEGROS(AS)

Te conhecendo melhor, para me conhecer...

Contribuições para a minha vida!

ENSINO FUNDAMENTAL

Você teve algum professor negro no ensino fundamental?

(se a resposta for sim, perguntar o que significou ter esse professor/a negro/o)

Você gostava de ir para escola quando estava no ensino fundamental?

O que mais gostava de fazer na escola? Por que?

Você tinha “um/a” melhor amigo/a na sala de aula?

O que você mais gostava de fazer na sala de aula?

Sua professora te tratava da mesma maneira que tratava seus colegas?

Alguma vez sua professora comentou na sala de aula sobre a sua cor de pele, ou outro aspecto visível sobre a tua negritude?

Quando você estava no ensino fundamental, percebia se a professora utilizava algum material que valorizasse a cultura afro-brasileira em sala de aula?

Você tem alguma lembrança escolar que te tocou profundamente? Comente...

A professora utilizava-se de alguma estratégia para que não houvesse discriminação na sala de aula?

Existia preconceitos na sala de aula por parte de seus colegas de classe em trabalhos em grupos, duplas, trios?

Você recebia algum apelido na sala de aula por causa da cor de sua pele?

E por causa do seu cabelo?

Você percebia algum distanciamento de seus colegas por você ser negro/a?

No ensino médio, você teve algum/a professor/a negro/a?

Como era sua relação com seus colegas?

E com a professora?

ENSINO MÉDIO

O que você mais gostava quando estava no ensino médio? O que não gostava?

Uma lembrança que marcou no ensino médio?

INGRESSO À UNIVERSIDADE

No ingresso à universidade, comente o que foi mais importante para você, uma situação que marcou sua vida.

Quando você assumiu a docência, percebeu alguma atitude preconceituosa por parte de seus alunos por você ser negro/a?

Cite um acontecimento que marcou sua vida durante sua docência.

Tem algum acontecimento da sua trajetória escolar que você gostaria de comentar? Fique a vontade...

Na sua opinião, por que há representatividade de professores negros atuando nas redes públicas e privadas da educação (da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino médio e no ensino superior)?

E alunos negros, como vê a distribuição deles nos quatro níveis de ensino? Educação Infantil, Ensino Fundamental, ensino Médio e Ensino Superior?

Onda havia maior presença de colegas negros, Educação Infantil, Ensino Fundamental, ensino Médio e Ensino Superior?

Anexo: Modelo de TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: “*Quem traz na pele essa marca...*”

Pesquisadora Responsável: Kátia Teresinha Centeno Prudêncio

Professora Responsável: Dr^a Maria Aparecida Bergamaschi

Contatos: Diretamente com a professora na Faculdade de Educação da UFRGS. Telefones (051) 33084153 (51) 96561129 ou pelo e-mail cida.bergamaschi@gmail.com

Pesquisadora: Kátia Teresinha Centeno Prudêncio: (051) 33748986 (051) 91071339 ou pelo e-mail kattiacp@hotmail.com

Objetivo Geral: Analisar as trajetórias escolares de quatro professores(as) negros(as) que atuam em escolas de educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, dirigindo o olhar para os aspectos que os/as levaram a escolher a docência.

Objetivos específicos:

- Identificar as (des)motivações profissionais e pessoais encontradas na trajetória de discente que contribuíram para a escolha da docência.
- Destacar os momentos mais marcantes na trajetória de discente e docente negro, enfatizando os reconhecimentos e discriminações.
- Analisar as lembranças – entre memórias e esquecimentos os motivos que os fazem continuar atuando na área de educação.

Procedimentos de pesquisa: entrevistas. Se houver consentimento as entrevistas serão registradas e, depois de transcritas, lidas e revisadas pelos concedentes da pesquisa. Após esses procedimentos, comporão dados que serão analisados e possivelmente publicados, preservando o sigilo das pessoas que concederam as informações. A participação não acarreta em riscos à dignidade e à liberdade das pessoas, sendo que terão acesso à produção de pesquisa, recebendo cópia do que for produzido e ou publicado. Após o uso destes materiais e assegurado um período de guarda formal, os dados serão descartados e ou devolvidos para os professores que concederam as entrevistas.

Consentimento

Autorizo o estudo acima descrito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Tive acesso ao roteiro da entrevista e também a oportunidade de fazer perguntas. Recebi telefones e endereço para entrar em contato, caso tenha dúvidas ou queria desistir, a qualquer momento, sem penalidade ou prejuízo. Recebi uma cópia deste documento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura da responsável pela pesquisa: _____

Assinatura da professora Responsável: _____

Porto Alegre ____ de _____ de 2012.